

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

julho-agosto de 2011



Exemplar avulso: R\$ 10,34

Integração irresistível
Lições da liderança de Neemias

**Serão salvos
todos os israelistas?**

A dinâmica da adoração trinitariana, p. 22

O ideal de Deus para a vida sexual, p. 25



Alimento diário

Considerado um dos grandes pregadores do século 20, Martyn Lloyd-Jones foi educado para ser médico, e durante toda a vida leu vastamente sobre teologia, biografias cristãs e medicina. De acordo com sua filha Elizabeth, um livro particularmente se destacou como favorito de Lloyd-Jones: a Bíblia. Para ele, esse livro era o pão que alimenta a alma. Desde cedo, em seu ministério, ele e a esposa, Bethan, adotaram um plano de leitura da Bíblia, desenvolvido no início do século pelo pregador escocês Robert Murray M'Cheyne.

Embora seu ministério tenha sido curto, M'Cheyne deixou um inestimável troféu para seus paroquianos e para nós. Pouco tempo antes de sua morte prematura aos 29 anos, M'Cheyne criou um plano de leitura bíblica para sua igreja. Segundo esse plano, a Bíblia inteira era lida uma vez a cada ano, sendo que os salmos e o Novo Testamento eram lidos duas vezes. M'Cheyne recomendava que algumas passagens deviam ser lidas em família, e outras podiam ser lidas privativamente.

Quais são algumas vantagens de uma leitura sistemática da Bíblia? Muitos cristãos nunca leram a Bíblia inteira, embora professem aceitar as Escrituras como sendo inspiradas pelo Espírito Santo. O apóstolo Paulo nos lembra do seguinte: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2Tm 3:16, 17).

Ter um plano de leitura da Bíblia evita desperdício de tempo em busca do que ler, e também provê muitas oportunidades para que a família e os membros da igreja partilhem descobertas, reflexões e pensamentos em comum, extraídos da leitura da Palavra de Deus.

M'Cheyne sugeriu os seguintes cuidados para todos os que desejam se dedicar à leitura sistemática da Bíblia:

- ◆ Evite o formalismo frio, em que você lê a Bíblia apenas para cumprir uma obrigação. Leia com coração receptivo, aberto e devoto.

- ◆ Evite a atitude de justiça própria. Não se considere mais virtuoso que as outras pessoas, simplesmente porque você está seguindo um plano de leitura sistemática das Escrituras.

- ◆ Evite a leitura desatenta da Bíblia. Encare cada leitura como um encontro pessoal com o Deus infinito, para ouvir atentamente Sua Palavra.

Faz pouco tempo que ouvi falar a respeito desse plano de M'Cheyne, justamente enquanto assistia a uma palestra sobre a vida e os hábitos de Martyn Lloyd-Jones.

Ele e a esposa seguiram o plano de M'Cheyne durante mais de 50 anos. Certamente, a poderosa pregação bíblica e os escritos de Martyn foram fruto de uma vida repleta da Palavra de Deus.

O exemplo desses dois dedicados pastores cristãos me motivou a co-

nhecer melhor o plano de leitura bíblica de M'Cheyne. Para minha alegria, descobri que alguns cristãos desenvolveram meios para ajudar todos aqueles que desejam encher o coração com a Palavra de Deus. Por exemplo, para participar do plano de M'Cheyne, você pode acessar o *site* www.BiblePlan.org. Cada manhã, você receberá um *e-mail* com a passagem bíblica designada para o dia. Tenho sentido grande alegria ao saber que muitos cristãos ao redor do mundo também estão buscando ser cheios da Palavra de Deus.

A Bíblia testifica de Jesus Cristo (Jo 5:39). Ler as Escrituras para conhecê-Lo significa "vida eterna" (Jo 17:3). Evite o formalismo sem vida, a atitude de autojustificação, leia cuidadosa e atentamente, mas ao mesmo tempo esteja seguro de que as palavras do profeta são verdadeiras para você: "Achadas as Tuas palavras, logo as comi; as Tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração, pois pelo Teu nome sou chamado, ó Senhor, Deus dos Exércitos" (Jr 15:16).

Quero animá-lo a seguir um plano de leitura sistemática da Bíblia; não apenas para seu benefício pessoal, mas para o bem de sua família, de sua igreja e da comunidade em que você vive e trabalha. ▀

*"Achadas as Tuas
palavras, logo as comi"
(Jr 15:16)*

Editor:

Zinaldo A. Santos

Assistente de Redação:

Lenice F. Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Designer Gráfico:

Marcos S. Santos

Ilustração de Capa:

Thiago Lobo

Colaboradores Especiais:

Bruno Raso; Jerry Page;

Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:

Antônio Moreira; Augusto M. Cárdenas;
Bolívar Alana; Edilson Valiante; Felix
Santamaria; Geovane Souza; Heriberto
Peter; Horácio Cayrus; Ivanaudo B. Oliveira;
Jair Garcia Góis; Leonino Santiago; Luiz
Martinez; Montano de Barros Netto;
Nelson Suci; Samuel Jara; Walter Dávila.

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaeministerio

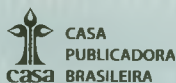
Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para
a revista *Ministério* deve ser enviado para
o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 49,70

Exemplar Avulso: R\$ 10,34



Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer
meio, sem prévia autorização escrita do
autor e da Editora.

Tiragem: 5.800 exemplares

5953/24713



A salvação de Israel

Referindo-se aos escritos de Paulo, o apóstolo Pedro disse que eles “contêm algumas coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com as demais Escrituras, para a própria destruição deles” (2Pe 3:16). Para muitos estudantes da Bíblia, algumas dessas coisas um tanto obscuras nas cartas paulinas estão contidas nos capítulos 9-11 da epístola aos romanos, cujo ponto culminante é a parábola da oliveira (Rm 11:13-24). Depois de usar uma série de argumentos para demonstrar que Deus não rejeitara Israel, e que no plano divino havia um futuro alvissareiro para o povo eleito, Paulo exclama: “Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos!” (Rm 11:33, NVI). Essa afirmação parece muito sugestiva no sentido de que, conforme um teólogo, “toda tentativa de elucidar o texto deve ser feita com reverência e humildade”.

Apesar disso, dentro da moldura do conceito dispensacionalista de interpretação profética, proliferam especulações desprovidas de sólido fundamento e que resultam em sérias distorções da verdade bíblica. Para os adeptos do dispensacionismo, Israel, como nação política, ainda permanece como povo escolhido de Deus, conservando privilégios especiais e tendo lugar destacado nas profecias bíblicas. Tim LaHaye chegou a afirmar o seguinte: “Chamo a reuniões dos cinco milhões de judeus que regressaram à Terra Santa e o fato de constituírem uma nação em nossa geração [1948] de ‘o sinal infalível’ da chegada do fim dos tempos” (citado em *Ninguém Será Deixado Para Trás*, CPB, p. 57). É certo que isso não está em harmonia com a evidência bíblica.

Por outro lado, diz Paulo, “Deus não rejeitou o Seu povo, o qual de antemão conheceu”, citando a si mesmo como exemplo desse fato e ilustrando-o com a experiência de Elias, no Antigo Testamento (Rm 11:1-4). Com base na aceitação de Jesus Cristo, o Messias ungido, como Salvador, a salvação graciosamente oferecida por Ele está franqueada a pessoas de todas as etnias. Nesse sentido e cumprida essa condição, “não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus” (Gl 3:28, NVI).

Por isso, somos lembrados de que “há judeus por toda parte, e a eles deve ser levada a luz da verdade presente. Há entre eles muitos que virão para a luz, e que proclamarão a imutabilidade da lei de Deus com admirável poder...”

“As Escrituras do Antigo Testamento, em conjunto com as do Novo, serão para eles como o alvorecer de uma nova criação, ou como a ressurreição da alma... Cristo será reconhecido como o Salvador do mundo, ao ver-se quão claramente o Novo Testamento explica o Antigo. Muitos dos judeus hão de, pela fé, aceitar a Cristo como seu Redentor” (Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 578, 579). ■

Zinaldo A. Santos

10 ATÉ AOS CONFINS DA TERRA

A missão nos dias apostólicos e em nossos dias.

12 INTEGRAÇÃO IRRESISTÍVEL

Lições que podemos aprender da liderança de Neemias.

15 A GESTAÇÃO DE UM MUNDO

Teólogo analisa evidências da criação da Terra em seis dias semanais.



18 "TODO O ISRAEL SERÁ SALVO"

Um profundo estudo sobre o texto de Romanos 11:26.

22 ADORAÇÃO TRINITARIANA

Veja a maneira pela qual as três Pessoas da Divindade estão envolvidas em nosso culto.

25 ALÉM DA ABSTINÊNCIA

Conheça o ideal mais alto que Deus estabeleceu para a vida sexual.

28 A CRUZ EM UMA BACIA

O ritual da humildade tem muito a dizer sobre o sacrifício de Jesus Cristo.

30 LIDERANDO COM SABEDORIA

Psicólogo ensina como exercer um pastorado equilibrado, sem frustrações.

32 LEMBRANÇA DUPLA

Dois princípios motivadores da correta mordomia do tempo sabático.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

*“A oração não
nos prepara para
o maior trabalho;
oração é o maior
trabalho”*

Oswald Chambers

O alicerce da fé



Foto: Gentileza do entrevistado

"A experiência é importante e faz parte de nossa caminhada cristã, mas a base de nossa fé deve ser a Palavra de Deus, e não nossos sentimentos"

por Diogo Cavalcanti e Matheus Cardoso

Ekkehardt Müller é um dos diretores associados do Instituto de Pesquisa Bíblica, órgão da igreja mundial responsável por divulgar a teologia adventista e responder a questões doutrinárias. Nascido no natal de 1950, na cidade de Plauen, Alemanha, iniciou seu ministério naquele país em 1972, onde trabalhou como pastor por 16 anos. Depois disso, ele concluiu o mestrado em Divindade, o doutorado em Ministério e o doutorado em Teologia (Novo Testamento) na Universidade Andrews, EUA. Ao retornar ao seu país de origem, atuou como secretário ministerial da União Sul-Alemã e da Divisão Euro-Africana, além de oferecer educação contínua aos pastores. Desde 1997, ele trabalha no Instituto de Pesquisa Bíblica.

Müller é casado com Geri, professora de música, e tem dois filhos: Eike e Enno, ambos pastores. Além de pintura e jardinagem, ele aprecia boa música. Teve formação musical para tocar piano, cravo, órgão, flauta doce, trompete e dois instrumentos renascentistas (corneto e cromorno). É autor de nove livros e aproximadamente 200 artigos acadêmicos e populares. Como teólogo e pastor com ampla experiência, Müller fala nesta entrevista aos colegas de pastorado sobre sua vida familiar e ministerial.

Ministério: *Como era seu relacionamento com a família e com a igreja local antes de se tornar pastor?*

Müller: Meus avós maternos se tornaram adventistas graças a um colportor. Muitos anos depois, meu avô foi para outra denominação, mas

minha avó permaneceu na igreja. Durante a Segunda Guerra Mundial, em que fugir da Alemanha Oriental era mais difícil, meu pai teve que ir para a Alemanha Ocidental, com um visto que ele havia conseguido para visitar um tio dele, mas teve que deixar a família para trás. Ele não voltou porque achou que era melhor, e eu penso que a decisão foi certa. Um ano depois, minha mãe, meu irmão e eu fomos para lá também. Naquela época, meu pai perdeu o contato com a igreja. Minha mãe era espiritualmente mais forte. Minha esposa também é adventista de terceira geração. Quando nos conhecemos, ela pensava: "Tenho que descobrir se este é o caminho certo. Se não for, eu deixo a igreja e vou para outra." Nós dois compartilhávamos dessa atitude. Queríamos ter uma base sólida para nossa fé.

O que me ajudou muito em minha igreja local foi que me permitiram, desde cedo, que eu me envolvesse nas atividades. Quando eu tinha 16 anos, os membros da igreja insistiram para que eu ensinasse não somente na Escola Sabatina de jovens, mas também na de adultos. Era uma grande responsabilidade para um jovem! Além disso, eu cantava no coral e tocava alguns instrumentos musicais.

“Como pastores, devemos servir de exemplo na leitura diária da Bíblia, apesar de nossa vida estressante”

Ministério: *Como o senhor aceitou o chamado ao ministério e qual foi sua experiência durante o seminário teológico?*

Müeller: Senti o chamado para o ministério pouco antes de terminar o ensino médio. No seminário, tínhamos um professor que ensinava a Bíblia através do método crítico-histórico. Esse método praticamente exclui Deus e analisa a Bíblia como se ela fosse um livro humano comum. Como eu não tinha conhecimento suficiente, aceitava tudo o que o professor falava, e aquilo provocou uma crise em minha fé. Mas, felizmente, tive outro professor, um genuíno adventista, e decidi seguir pelo mesmo caminho. No país em que trabalhei, alguns pastores tinham dúvidas sobre sua fé: questionavam o sábado e a veracidade dos relatos bíblicos. Algo que me ajudou foi olhar além dos limites geográficos e perceber que existe uma igreja mundial. Também adquiri materiais teológicos que fortaleceram minha fé, como o *Comentário Bíblico Adventista*.

Ministério: *O senhor vem de um país secularizado, que cada vez mais questiona a crença em Deus e na religião. Como é possível pregar o evangelho em lugares com essas características?*

Müeller: Na Alemanha, a população em geral é bastante secularizada. Por outro lado, também há pessoas que buscam a espiritualidade. Estas são alcançadas não tanto com grandes eventos, mas com o contato pessoal e individual. Depois da Segunda Guerra Mundial, o número de adventistas na Alemanha começou a cair. Tínhamos cerca de 40 mil membros; hoje temos cerca de 33 mil. Precisamos manter nossa identidade e buscar alcançar os outros. Penso que não podemos ser ecumênicos, como algumas denominações fazem hoje e quase perderam sua identidade. Mas existem pessoas fora da igreja que estão buscando a espiritualidade. Deixe-me dar um exemplo: quando morávamos na Alemanha, não apenas dávamos estudos bíblicos, mas tínhamos um pequeno grupo. Morávamos em um apartamento, fomos aos nossos vizinhos e dissemos: “Temos um encontro para conversar sobre a Bíblia. Você gostaria de participar?” Em nosso grupo, havia adventistas e não adventistas. Creio que, nos países secularizados, ainda há pessoas abertas, que pensam no significado da vida. Na Europa, as pessoas são mais inclinadas à filosofia. Tenho que confessar, que, como pastor, passei por algumas crises. Lembro-me de que havia um jovem universitário, vindo de outra igreja, que tinha dúvidas sobre a existência de Deus. Ele não conseguia crer em Deus, mas também não conseguia viver sem Ele. Havia uma tremenda luta dentro dele, e tentei ajudá-lo. Chegou um momento em que precisei perguntar: “Deus existe realmente ou tudo o que fazemos não passa de uma brincadeira?”

Ministério: *O Instituto de Pesquisa Bíblica responde a perguntas doutrinárias da igreja em todo o mundo. Quais têm sido os temas mais questionados?*

Müeller: No passado, apenas certas áreas eram atacadas, em geral, as doutrinas do santuário e o dom de

profecia. Entretanto, isso tem mudado dramaticamente. Hoje, praticamente cada crença fundamental tem sido atacada por pessoas de dentro da igreja. Nunca havíamos pensado que a questão da Trindade se tornaria um problema significativo. Da mesma forma, quem imaginava que a criação se transformaria em um assunto em discussão? Até em relação à segunda vinda de Cristo você encontra extremos: ainda há grupos marcando datas, apesar de a igreja se opor a isso. Outros dizem que a ressurreição é apenas espiritual e ocorre durante a vida da pessoa. Sobre o estilo de vida, temos muita contestação, especialmente sobre sexualidade.

Ministério: *Hoje, a Criação é um dos assuntos mais discutidos entre os adventistas em países desenvolvidos. A maioria das igrejas cristãs rejeita a literalidade do Gênesis. Por que a Igreja Adventista permanece firme nessa doutrina?*

Müeller: Quando falamos sobre a criação, automaticamente respondemos à pergunta: “De onde viemos?” Ligada a essa questão, outras se relacionam a Deus: “Ele existe? Quem Ele é? Que tipo de Deus Ele é?” Se você nega a criação, também quebra a conexão entre o pecado e a morte, e se você nega essa conexão, também rejeita a necessidade de salvação. Se você não segue a definição bíblica de pecado, ele se torna apenas uma conduta má, um comportamento diferente da cultura. Assim, todo o sistema de crenças bíblicas é anulado. Nós também conectamos o sábado à criação e fazemos o mesmo em relação aos Dez Mandamentos e a outros ensinamentos bíblicos.

Ministério: *A mentalidade pós-moderna afirma que o ser humano não pode alcançar a verdade absoluta, enquanto que as igrejas dizem ter a verdade. Como nós, adventistas, podemos dizer que temos a verdade?*

Müeller: A Bíblia tem muito a dizer sobre a verdade. Então, exis-

te uma verdade. Obviamente, não podemos conhecer toda a verdade, mas o que temos – o que a Bíblia nos apresenta – é uma verdade absoluta. Quando lemos a Bíblia, vemos que Jesus é a verdade; não há como evitar essa conclusão. Por outro lado, o pós-modernismo, por mais que rejeite verdades absolutas, ao menos permite que as pessoas encontrem alguma verdade. Esse fato abre possibilidades para o evangelismo. O apresentador e coordenador dos programas *Esperança* e *A Voz da Profecia* na Alemanha me disse que as pessoas secularizadas não têm tanto interesse em estudos bíblicos sistemáticos que nós costumamos oferecer. Elas estão mais interessadas em leitura contínua de livros bíblicos e outros materiais religiosos, principalmente aqueles que narram histórias. Basicamente é isso o que temos feito nos pequenos grupos. Com isso, não estou dizendo que estudos bíblicos não funcionam. Atualmente, estou dando estudos bíblicos para um jovem que estuda física e que será batizado. Porém, acredito que devemos utilizar diversos métodos e ver qual é o melhor meio para alcançar as pessoas em cada situação. Tenho percebido que outra forma de alcançar essas pessoas é fazê-las perceber que você as ama, que você está ali por elas e que se sente feliz por estar perto delas. Isso é amizade. Mas é claro que a amizade não é o suficiente. Se apenas temos amizade, nada acontecerá. Em algum momento do relacionamento, será necessário ser mais “agressivo” e apresentar a verdade bíblica.

Ministério: *No mundo cristão se enfatiza cada vez mais a experiência em lugar das doutrinas. Como lidar com isso?*

Müeller: A experiência é importante e faz parte de nossa caminhada cristã, mas ela não é tudo. Quando Jesus Se encontrou com os discípulos de Emaús, poderia apenas ter dito: “Vejam as marcas dos pregos. Sou Eu!” Se houvesse ocorrido as-

sim, eles teriam passado por uma bela experiência, mas Cristo não lhes teria apresentado um conteúdo doutrinário. Eles precisavam crer nas Escrituras e ter uma convicção sólida a respeito de Cristo. As experiências estão próximas das emoções, e estas não são más. Porém, acredito que é necessário pensar racionalmente, porque as emoções vêm e vão. Temos que tomar decisões porque é certo tomá-las, não meramente porque sentimos que elas são certas. Muitos vão à igreja apenas quando se sentem bem e acham que o culto está interessante. Precisamos ter uma convicção mais sólida do que isso. O ideal é sentir que temos uma experiência com Deus, mas nem sempre isso ocorrerá. Quando eu me arrependo, sei que estou perdoado porque Deus prometeu: “Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1:9). Não preciso esperar até que sinta estar perdoado. A base de nossa fé deve ser a Palavra de Deus, e não nossos sentimentos.

“Não podemos conhecer toda a verdade, mas o que a Bíblia nos apresenta é uma verdade absoluta”

Ministério: *O Instituto de Pesquisa Bíblica tem participado de vários diálogos inter-religiosos. Qual é o objetivo desses encontros?*

Müeller: Em primeiro lugar, esclareço que o Instituto de Pesquisa Bíblica não organiza esses encontros, e sim o Departamento de Liberdade Religiosa. É verdade que estamos ativamente envolvidos: um ou dois colegas participam desses diálogos. O objetivo não é deixar as crenças adventistas, mas sim ajudar outros cristãos e pessoas de outras religiões a entender o que é o adventismo. É comum haver muitas impressões

equivocadas sobre nossas crenças. Nesses diálogos, temos a oportunidade de esclarecer o que os adventistas realmente creem e quais são as razões bíblicas para isso.

Ministério: *Nesta época em que a Bíblia e a fé são questionadas em toda parte, que conselho o senhor daria aos líderes da igreja?*

Müeller: Creio que devemos ensinar aos membros que ler a Bíblia todos os dias é uma necessidade crucial. Primeiramente, como pastores, devemos servir de exemplo, apesar de nossa vida estressante. Devemos fazer mais pregações bíblicas. Veja: dos nossos sermões, muitos não são pregações bíblicas e sim temáticas. Algumas pessoas reúnem um punhado de tópicos e versos bíblicos, e então creem ter um sermão! Se você selecionar uma passagem das Escrituras, depois ler esse texto várias vezes com atenção, e pregar sua mensagem, perceberá que surgirão novas ideias, e, ao compartilhá-las, verá que as pessoas vão se entusiasmar. Creio que a Escola Sabatina é outra forma de incentivar o estudo da Bíblia. Criei uma regra para mim mesmo: sempre estou presente na classe, mesmo que não ministre a lição. Assim, digo para os outros que é importante frequentar a Escola Sabatina quando estou na igreja. Deixe-me mencionar algo mais. Tenho treinado membros de igreja para pregar sermões, ensinar na Escola Sabatina, dar estudos bíblicos, dirigir pequenos grupos e assim por diante. No último encontro, fiz uma palestra sobre preparação de sermões e pedi que fizessem um sermão temático de dez minutos em um pequeno grupo, para serem avaliados em seguida. Foi interessante notar que eles geralmente escolheram pregar um sermão bíblico, não o temático. De alguma forma, existe o conceito de que se tem que lidar com algum texto bíblico. Portanto, creio que existem muitas formas de ajudar a igreja a focalizar mais as Escrituras em nosso tempo. ▀



“Traga os livros”

O hábito de ler é indispensável a pastores e esposas. Isso contribui para o crescimento espiritual pessoal e para a eficácia do trabalho

Vivendo em um país em que o índice de livros lidos é menos de um por habitante, somos uma geração habituada à internet, televisão, e outros recursos que nos condicionam a receber mensagens prontas em forma de imagens rápidas. Não existem problemas com as imagens em si, mas a questão é o que sobra da nossa capacidade de interpretação, quando elas não estão presentes.

Educadores têm se unido num esforço constante para divulgar os benefícios da leitura, inculcar nas crianças o gosto pelos livros bem como enfrentar o grande desafio de lhes ensinar a interpretar o que leem. E quanto a nós, líderes cristãos, pregadores e instrutores, que temos a fé pautada no “assim está escrito”, acaso temos nos adicionado ao número daqueles que a cada dia leem menos?

Hábito a ser cultivado

Pastores e esposas não podem prescindir da leitura. Eles são instrutores de verdades eternas e necessitam estar “preparados para responder a todo aquele que [lhes] pedir a razão da [sua] esperança” (1Pe 3:15). Com a oração e a meditação, a leitura da Bíblia e de bons livros auxilia o pregador no preparo de mensagens espiritualmente ricas, nutritivas, relevantes e transformadoras de vidas.

O apóstolo Paulo cultivava o hábito da leitura. Estando na prisão, certo da proximidade do seu martírio, pediu a Timóteo: “Quando vieres, traze... os livros, especialmente os pergaminhos” (2Tm 4:13). Devemos ser perseverantes no cultivo do hábito da leitura. Se reconhecemos que nosso crescimento espiritual depende também da leitura, devemos levar isso em consideração.

Deus guiou a produção das Escrituras e as fez chegar até nós, com o propósito, entre outros, de nos preservar contra o mal (Sl 119:11). Caso tenhamos dificuldade para entender o que lemos, devemos nos lembrar da promessa que nos garante a assistência divina: “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente... e ser-lhe-á concedida” (Tg 1:5).

Alimento mental nutritivo

Durante a leitura, cada ideia do autor evoca conceitos,

imagens que produzem o sentido do que é lido. É o que chamamos de inferência. Segundo esse processo, as palavras lidas acionam o conhecimento prévio (as vivências) que nos permitem entender ou não o que estamos lendo. Por isso, o mesmo texto pode ser lido por duas pessoas e ser entendido apenas por uma delas. Ou elas o entendem de modo diferente.

Isso explica o fato de que também devemos estar familiarizados e envolvidos com assuntos de interesses eternos. Devemos preencher nossos arquivos mentais com material que possa ser usado para aumentar nossa capacidade de compreensão, quando lermos textos que tenham conteúdo enobrecedor.

Evidentemente, necessitamos da direção do Espírito Santo porque, caso não tenhamos sólida bagagem espiritual, o processo da compreensão do que lemos será penoso e poderá nos levar a diminuir o interesse em alimentar e desenvolver nossa salvação (Fp 2:12). Quando nos concentramos demasiadamente nas coisas do mundo, mesmo que sejam importantes, as coisas do Céu se tornam de entendimento difícil. Por essa razão, Paulo aconselhou: “Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente...” (Rm 12:2).

Sugestões

Com o propósito de ajudar você a melhorar a qualidade de sua leitura, oferecemos estas sugestões:

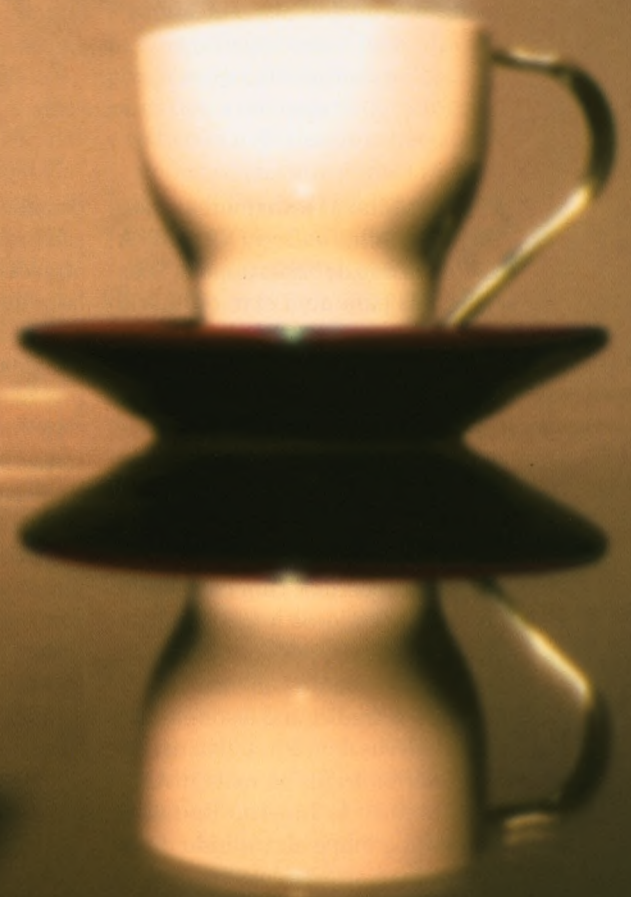
- ◆ Comece lendo sobre assuntos que tratem de alguma coisa do seu interesse.
- ◆ Escolha textos curtos e, depois, tente explicar o que leu. Caso não consiga, leia novamente.
- ◆ Cuide para que haja progresso no tamanho e no tipo de texto. Nossa mente precisa ser desafiada a crescer.
- ◆ Faça uso do dicionário, para esclarecer palavras desconhecidas.
- ◆ Desenvolva interesse por assuntos importantes, não desista diante das dificuldades.

Lembre-se de que Deus tem bênçãos maravilhosas para você, através da leitura inspiradora. ▀



Qualidade de vida é
Superbom[®]

A Cevada Superbom é produzida com 100% de grãos de cevada puros e naturais tornando seu sabor muito mais suave. Disponível nas versões Torrada e Solúvel Instantânea, você não pode deixar de experimentar!



Compre agora pelo telefone (11) 2842-1800
ou em nosso site www.superbom.com.br



Secretário ministerial da Associação de Michigan, Estados Unidos

Até aos confins da Terra

O desafio missionário de Jesus para os primeiros cristãos permanece válido para a igreja de hoje

Sereis Minhas testemunhas... até aos confins da Terra” (At 1:8). A comissão de Jesus impeliu Seus seguidores para uma extraordinária jornada de ação; na verdade, uma série de ações envolvendo os discípulos e os primeiros cristãos que, sob a influência e o poder do Espírito Santo, levaram a mensagem do Salvador ressuscitado aos confins da Terra.

Essa atividade é o tema do livro de Atos. Observe a ascensão de Cristo, a unção dos apóstolos com chamas de fogo habilitando-os a falar línguas diferentes, o que, por sua vez, levou à primeira onda de conversões, esmagando o tradicional sistema religioso de Jerusalém e impulsionando missionários leigos às mais distantes fronteiras do Império Romano. Acompanhe Filipe alcançando o eunuco etíope e, através dele, veja a marcha do evangelho na distante África. O que dizer sobre o apedrejamento de Estêvão que levou à milagrosa conversão de Paulo, que rompeu todas as fronteiras a fim de alcançar os “confins da Terra” com o evangelho?

Pondere sobre Pedro, seu sermão pentecostal, o encontro com Cornélio que preparou a igreja para o desafio da missão aos gentios. Veja o primeiro

concílio apostólico em Jerusalém e seu impacto sobre a marcha da igreja através da História. Esses e outros relatos de ações missionárias nos mantêm animados para ler um livro que fala de uma igreja que se tornou um organismo vivo, crescente e expansivo, buscando novos caminhos por terra e mar para cumprir seu objetivo de alcançar os confins da Terra.

Esses foram atos dos apóstolos sob a direção do Espírito Santo. O livro de Atos é uma crônica mostrando como uma insignificante seita dentro do judaísmo se tornou um movimento mundial, confrontando sistemas religiosos e filosóficos que até então dominavam o mundo. Isso se tornou possível porque a igreja primitiva foi envolvida em um extraordinário movimento missionário, superior a qualquer outro ao longo da História. Esse movimento foi enraizado em uma resoluta resposta ao mandamento de Jesus no início do livro de Atos.

O livro começa com uns poucos discípulos com o coração cheio de temor, escondidos no pavimento superior de uma casa em Jerusalém. E termina com milhares de pessoas juntando-se ao novo movimento cristão e, com aqueles mesmos discípulos, agora

dotados de corajosa visão, anunciando livremente e com alegria a missão cristã a todo o mundo. O livro fala que muitos deles colocaram em risco a própria vida. Alguns a depuseram no altar do sacrifício. Porém, o mais importante desse livro é o cuidadoso e sequencial desdobramento de um mandamento dado por Jesus Cristo.

O texto e seu contexto

Examinemos o último diálogo entre Jesus e os apóstolos. Aquela foi uma reunião solene, a última que o Mestre teve com Seus discípulos, ainda na Terra. Eles O interrogaram: “Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?” (At 1:6). Aqui podemos ver que, no início de um dos mais significativos momentos na igreja primitiva, os discípulos ainda não viam o quadro completo. Eles compreendiam mal o Senhor; opinavam e pensavam politicamente. Ainda eram judeus esperando obter a supremacia política em um mundo governado por gentios. Mas, essa visão estreita logo seria mudada para sempre.

Poucos minutos os separavam da ascensão de Jesus ao Céu. Esse magnífico evento ficou gravado na memória deles e representa a chave

para a análise do restante do livro. Ele marca o início dos eventos vibrantes e dinâmicos que definem a própria essência do livro de Atos. Naquele momento, eles receberam poder não para governar, mas para testemunhar.¹ Num sentido legal, Jesus Se referiu a eles como testemunhas. “Testemunha... é alguém que ajuda a estabelecer objetivamente fatos através de observações verificáveis.”²

O Senhor não reprovou os discípulos pela falta de compreensão demonstrada, mas lhes disse: “Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela Sua exclusiva autoridade; mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da Terra” (At 1:7, 8).

Assim, Cristo os nomeou não somente como discípulos, mas como testemunhas, porque eles foram testemunhas da vida, do ministério, morte e ressurreição de Jesus.³ A ressurreição de Jesus foi um fato diretamente comprovado pelos discípulos. Portanto, eles eram testemunhas de fatos históricos e da convicção na igreja primitiva. Eram testemunhas até aos confins da Terra, mesmo que tivessem que colocar a vida em risco, na defesa da autenticidade de suas afirmações.

Alguns autores têm especulado sobre o significado dessa expressão “até aos confins da Terra”.³ O livro de Atos mostra claramente um interesse em Roma (capital do Império), mas alguns pensam que isso pode não apenas se referir à evangelização a partir do centro de Roma para o mundo gentio, mas que o evangelho continuaria avançando além de Roma. Então, podemos concluir que a frase “até aos confins da Terra” é geográfica e etnicamente inclusiva de todos os povos e lugares. Essa missão tem foco multidirecional e escatológico. Independentemente das expectativas judaicas dos primeiros discípulos, que buscavam a restauração do reino, a intenção de Deus era alcançar o mundo; não simplesmente parte dele, mas o mundo inteiro.

Jonathan Lewis afirma que “as palavras de Cristo em Atos 1:8 nos provêm excelente resumo para compreender a dinâmica missionária do livro”.⁴ Os discípulos se mostraram determinados a alcançar o alvo estabelecido pelo Senhor. Tanto foi assim que a missão foi executada em Jerusalém (At 1), Judeia (At 8), Samaria (At 8:4), entre os gentios (At 10) e até aos confins da Terra (At 13).

Resultados

Um significativo movimento missionário geográfico ocorreu, segundo o livro de Atos: Primeiramente, houve a expansão territorial que fez incursão no mundo gentio. Em segundo lugar, a missão teve êxito e avançou, mesmo em face de clara hostilidade interna e externa. Finalmente, a sede da tarefa missionária foi estabelecida em Jerusalém (At 6). A missão dada em Atos tem objetivos geográficos e sociológicos, e não apenas numéricos. Jesus não estabeleceu metas numéricas relacionadas ao alcance da Judeia, de Samaria, ou dos confins da Terra. Essa limitação poderia operar contra a urgência e a universalidade da mensagem. Deus quis que a igreja primitiva alcançasse o mundo todo, não apenas parte dele.

No livro de Atos, assim como nos Evangelhos, percebemos o crescimento do movimento cristão em vários níveis. Em primeiro lugar está o crescimento espiritual, porque a expansão no mundo o fez crescer internamente na igreja. Em segundo lugar, verificamos o crescimento sociológico, com diversas culturas, etnias, pessoas e idiomas sendo envolvidos pela mensagem do evangelho. Em terceiro lugar, aparece o crescimento geográfico, com a mensagem sendo aceita em diferentes lugares, vilas, cidades e nações.

No Novo Testamento, jamais encontramos Jesus revelando prazer com pescaria que não apanhe peixes (Lc 5:4-11); mesas vazias em um banquete (Lc 14:5-23); semeadura que não resulte em colheita (Mt 13:3-9); árvore que não produza frutos (Lc

13:6-8); ovelha extraviada do rebanho (Mt 18:11-14); moeda perdida a ser achada (Lc 15:8-11); um filho afastado que não volte ao lar (Lc 15:12-32) nem com proclamação sem resposta (Mt 10:14). Deus espera que Seu trabalho na Terra tenha resultados visíveis e concretos.

A igreja hoje

Hoje, a igreja necessita prestar atenção às palavras de Jesus. Elas são poderosas, não pela mera enunciação, mas pela influência do Espírito Santo no coração daqueles homens e mulheres, que os moveu a iniciar um movimento missionário singular na História. Eles não tinham os recursos tecnológicos que temos hoje. Mas, em pouco tempo, alcançaram todos os lugares com a mensagem do evangelho e colheram milhares de conversões.

Podemos fazer o mesmo? De fato, podemos! Necessitamos apenas ser possuídos pelo sentimento da igreja primitiva, retornar ao verdadeiro discipulado. Como escreveu Hull, “cristianismo sem discipulado leva a igreja a ser assimilada pela própria cultura”.⁵ A desafiadora ordem de Jesus (At 1:8) ainda é válida para a igreja. Tudo o que precisamos fazer é lembrá-la, colocando-a diante da igreja e buscar o auxílio do Espírito Santo para implementá-la. Ele nos capacitará para cumpri-la, assim como fez no início da história da igreja.

O Espírito Santo espera para mover as forças pastorais e leigas em um grande movimento missionário, jamais visto no mundo. Então, e somente então, a mensagem salvadora de Cristo alcançará os confins da Terra - desde nossa vizinhança aos lugares mais distantes do planeta. ■

Referências:

- ¹ Paul W. Walaskay, *Acts* (Louisville, KY: Westminster John Knox, 1998), p. 28.
- ² Darrell Bock, *Acts* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2007), p. 64.
- ³ Darrell Bock, *Ibid.*
- ⁴ Jonathan Lewis, ed., *World Mission: An Analysis of the World Christian Movement, part 1* (Pasadena, CA: William Carey Library, 1987), p. 79.
- ⁵ Bill Hull, *The Complete Book of Discipleship* (Colorado Springs, CO: NavPress, 2006), p. 16.



Integração irresistível

O que acontece quando líderes e liderados espirituais trabalham unidos

É fácil encontrar um exército de milhares, mas como é difícil encontrar um general!", diz um provérbio chinês. Encontrar um líder espiritual genuíno na igreja cristã, alguém com visão e integridade, nem sempre é fácil. Líderes com valores e atitudes cristãos representam o tesouro mais valioso da igreja, e o próprio Deus está envolvido no pro-

cesso de educação e desenvolvimento deles. Apesar disso, mesmo líderes poderosos, sem as pessoas a quem lideram, são como generais sem exército, e isso pode levar a lamentáveis consequências. Sem autêntico relacionamento entre líderes e liderados, não pode haver desenvolvimento espiritual na igreja.

A vida e o ministério de Neemias nos fornecem alguns profundos critérios sobre essa liderança autêntica, tão necessária a todas as gerações da comunidade cristã. Mas, o que fez de Neemias um grande líder? O que o ajudou a superar todos os transtornos e desafios e a se concentrar na liderança do povo, a fim de conquistar os objetivos estabelecidos por Deus? Que tipo de ligação havia entre ele e o povo de Israel? Como poderia esse laço nos inspirar hoje? Neste artigo, analisaremos a distinção de Neemias como líder espiritual.

Lições da liderança de Neemias

Visão (Ne 1:3-11). Como copeiro do rei da mais poderosa nação do mundo daquele tempo, Neemias ocupava posição segura e protegida. Ele não necessitava de nenhuma comoção em sua vida. Bem poderia terorado pelo sucesso de Jerusalém e do remanescente, sem o envolvimento e contribuição pessoais. Apesar disso, ele foi um homem de visão e ação, atrevendo-se a pedir ao rei permissão para reconstruir o templo. Dispôs-se a persuadir o remanescente quanto à exigência e necessidade dessa nobre e gloriosa tarefa. Hoje, necessitamos de pastores suficientemente audaciosos para avançar com visão e convencer o povo de Deus sobre a inevitabilidade de transformação espiritual.

Humildade. “Não declarei a ninguém o que o meu Deus me pusera no coração para eu fazer em Jerusalém” (Ne 2:12). Como o mais influente israelita naquele tempo, ele poderia ter-se orgulhado dessa posição ou de sua visão original, mas não o fez. Deixou que seus feitos falassem. Hoje, os pastores têm que exaltar a pessoa de Cristo e esconder a própria

visão até o tempo apropriado. Não devemos ter orgulho de nossa visão para a igreja, evitando provocar a animosidade daqueles que não apreciam os caminhos de Deus. Deixemos que nossos atos falem. Deixemos que a visão seja confirmada pela aprovação de Deus, não por nossos argumentos convincentes.

Motivação. “O povo tinha ânimo para trabalhar” (Ne 4:6), porque Neemias era uma força motivadora. Ele tinha um sonho e trabalhava para transmitir seu zelo pela reconstrução. Sem motivação, pastores, professores e administradores não serão capazes para partilhar a visão e transformá-la em realidade. A força motivadora direcionada para o cumprimento de um alvo ajudará a superar obstáculos ao longo do caminho.

“Em suas lutas ministeriais, os pastores necessitam obter a mentalidade de Neemias: persistir, orar e nunca desistir”

Fé. “O nosso Deus pelejará por nós” (Ne 4:20) era a motivação de Neemias no momento mais difícil, quando seus inimigos ameaçavam destruir o trabalho de reconstrução. Essa é uma extraordinária demonstração de fé, a despeito da oposição e de sérias dificuldades. Os pastores necessitam de fé para cumprir a missão. A fé diz: “Deus está sempre conosco” mesmo quando as circunstâncias falam diferentemente.

Perseverança. Quando os inimigos ameaçavam, quando sua vida estava em perigo, Neemias não desistia, limitando-se a orar (Ne 6:9). Em tempos de violentos ataques inimigos, a vitória espiritual é possível somente quando oramos com fé. Em suas lutas ministeriais, os pastores necessitam obter a mentalidade de Neemias: persistir, orar e nunca desistir!

Amor. Assim, ele jamais o explorava materialmente (Ne 5:14, 15). Inclusive sacrificou seus direitos para

ser um exemplo ao rebanho. Jamais tomou qualquer coisa do povo; ao contrário, partilhava seus recursos e tempo. Não podemos explorar a igreja com nossas necessidades, como se ela fosse obrigada a supri-las. Caso desejemos vivenciar mais experiências superiores resultantes de nossa fé, não devemos pedir coisa alguma. Deus proverá nossas necessidades, pois somos servos de Cristo.

Delegação. Ele identificava pessoas que mostravam dedicação e integridade e partilhava tarefas com elas (Ne 7:1, 2). Esse tipo de liderança facilitava o trabalho, porque todos estavam envolvidos nele. Pensar que, sozinhos, podemos cumprir a missão é, na melhor das hipóteses, arriscado e, na pior, impossível. Esse caminho pode parecer mais fácil, mas desvaloriza e degrada a igreja. No ato de partilhar, existe força, unidade e comprometimento.

Prioridade à Palavra de Deus (Ne 8:8, 18). A crença na Palavra escrita lhe causou muitas lutas e oposição, mas ele insistia em que a reforma tinha que ter por base a revelação de Deus (Ne 13). No último capítulo do livro de Neemias, a reforma do templo, casamento, dízimo e culto foi fundamentada exclusivamente na Palavra de Deus. O verdadeiro reavivamento espiritual não pode ocorrer quando confiamos na força humana. Somente a Palavra tem poder e autoridade para transformar e fortalecer a comunidade do povo de Deus e levá-lo a cumprir Seus propósitos e Sua vontade.

Oração. Ele orou pelo perdão de Deus, por Seu glorioso poder e graça, para si mesmo, e pela coragem de que necessitava. Também orou em favor do povo: a oração intercessora tem poder para transformar e fortalecer a comunidade de Deus (Ne 9). A oração move o trabalho do Senhor. Pastores devem orar não apenas por si mesmos e sua família, mas também pelo povo de Deus e a visão de Cristo. Como disse Oswald Chambers, “a oração não nos prepara para o maior trabalho; oração é o maior trabalho”.¹

Zelo. O zelo de Neemias produziu não apenas sua dedicação à tarefa que ele estabeleceu, mas tinha propósitos específicos: Manter a prioridade da causa de Deus (Ne 10:39; 13:10, 11) e a pureza do povo de Deus (Ne 13:25). Todos esses aspectos foram valiosos e indispensáveis requerimentos para o culto apropriado. Não existe adoração fora da verdade de Deus. Hoje, os pastores devem ensinar que o zelo pela santidade em Cristo (como resultado de genuína aceitação pela fé de Sua justiça) é uma condição necessária para o louvor apropriado. A casa de Deus, o dia de Deus e o povo de Deus são santos, e não podemos nos dar ao luxo de negligenciar Sua santidade em nosso culto e nosso testemunho.

“Onde quer que se levante um líder transformado, a resposta do povo não será inferior à dos israelitas dos dias de Neemias”

Inclusão. Como reformador, ele trabalhou com os de dentro e os de fora da nação. O “estrangeiro” tinha importância em sua liderança e seu ministério. Como resultado, o estrangeiro compreendia que essa tarefa tinha sido feita com a ajuda de Deus (Ne 6:16).

Neemias foi um homem de Deus no sentido integral. Plenamente dedicado a Deus e com absoluto compromisso com a missão de Deus, Neemias retrata o perfil do líder espiritual perfeito. Transformado pela graça de Deus, ele foi capaz de guiar outros a experimentar igual transformação. Onde quer que se levante um líder transformado, a resposta do povo não será inferior à dos israelitas dos dias de Neemias.

Lições do povo

O povo de Deus teve boa vontade e motivação para construir o templo de Deus (Ne 2:17, 18; 4:6). Em todo lu-

gar, o clamor e comprometimento era singular: “Vamos reconstruir!”. A resposta da igreja depende da motivação do pastor. O resultado é assombroso. O povo tinha confiança em Neemias e ouviu o que ele falava (Ne 5:12, 13). Embora fosse um líder jovem, não era desprezado. “Faremos assim como dizes” tinha como base a segurança de que Deus, não o homem, estava dirigindo o trabalho. As pessoas que não podem confiar nos respectivos líderes tendem a ser dispersas como rebanho sem pastor, e isso leva ao desastre espiritual. Israel amava a lei de Deus (Ne 8:1) e obedeceu às Suas palavras. Não existe progresso sem obediência a Deus.

Liberdade. “Não desampararíamos a casa do nosso Deus” (Ne 10:39) foi a resposta do povo ao chamado de seu líder espiritual. Se os líderes viverem de acordo com os padrões da Palavra, o povo seguirá seu exemplo. O resultado será crescimento espiritual, fidelidade na mordomia, participação ativa no testemunho e na adoração e apoio incondicional à igreja. Líderes firmes conseguirão resposta fiel dos liderados.

Israel compreendeu que a reconstrução do muro de Jerusalém era uma missão aos gentios (Ne 6:16). O impacto daquela sagrada tarefa teve consequências de longo alcance, muitas das quais serão reveladas somente na eternidade. Inconscientes de sua influência espiritual, e em humildade e pureza de coração, eles agiram para glorificar seu Deus. A única maneira de glorificá-Lo hoje e mostrar ao mundo que somos diferentes é encontrar meios para formar uma equipe de pastores, professores, administradores e o povo. “Equipe é a contradição fundamental de uma sociedade enraizada em conquistas individuais”, disse Marvin R. Weisbord,² e nenhum líder pode se permitir negligenciar o trabalho de equipe.

Força espiritual e sinergia

O sucesso espiritual depende não apenas da poderosa visão e do poder espiritual do líder, mas do

relacionamento entre os líderes e o povo de Deus. Essa sinérgica equipe é sempre vital para o crescimento espiritual. Por outro lado, o trabalho de equipe requer que pastores, professores, evangelistas e administradores sejam completamente esvaziados do interesse próprio, orgulho e busca de ganho material. O trabalho de equipe requer que líderes sejam motivados pela visão, sacrifício, fé, crença, oração em busca do poder de Deus, perseverança e resolução. Somente assim a liderança da igreja inspirará e estimulará o povo de Deus ao entusiasmo e confiança, obediência à Palavra, generosidade, pureza e humildade.

Esse sagrado laço será um poderoso testemunho da influência do Cristo vivo sobre os líderes. Porém, esse sagrado laço é impossível sem a compreensão apropriada do exercício da autoridade. Ellen G. White escreveu: “Embora Neemias estivesse no desempenho de uma comissão real, que requeria que os habitantes cooperassem com Ele na reconstrução dos muros da cidade, ele preferiu não confiar no mero exercício da autoridade. Procurou, antes, ganhar a confiança e simpatia do povo, bem sabendo que a união de corações, como de mãos, era indispensável ao êxito na grande obra que havia empreendido.”³

A essência do pastorado de êxito e de uma igreja florescente inclui a confiança do pastor em Deus e sua prontidão para cooperar e motivar o povo, até que alcancem verdadeira união de corações. Quando os líderes espirituais e o povo trabalham juntos, o resultado é força espiritual e impacto favorável ao Reino de Deus. Essa união espiritual, transcendente de esforços organizacionais em programas e missão, se torna um testemunho influente hoje, e prevê a qualificação essencial para a vida eterna. ▀

Referências:

¹ <http://www.tentmaker.org/Quotes/prayerquotes.htm>

² <http://www.heartquotes.net/teamwork-quotes.html>

³ Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 174.



Professor de Teologia Sistemática na Universidade Adventista da África



A gestação de um mundo

O criacionismo em seis dias semanais é assunto de fé, mas uma fé apoiada pelas evidências

Antes de responder à pergunta sobre a razoabilidade de crer em uma criação recente, ocorrida em seis dias semanais, é importante definir seus elementos-chave: “razoável” e “criação recente em seis dias”.

Embora a ciência tenha sido associada com “razão” e dela seja es-

perado ser razoável, o criacionismo tem sido associado por muitos com a “fé” e parece ser incompatível com qualquer coisa “razoável”.¹

Mas nesse caso, a fé bíblica, fé na criação, é “razoável” no sentido de que não é algo místico nem irracional. Ao contrário, ela apresen-

ta evidências sensíveis, naturais e históricas para suas reivindicações. Embora seja verdade que a Bíblia não é um relatório científico moderno do processo da criação, e seja esperado que aceitemos esse relatório pela fé (Hb 11:3, 6), não se espera de nós o exercício de uma fé

cega nem simplista.² A Bíblia oferece argumentos e uma estrutura para que essa fé seja convencida de que os eventos e elementos apresentados na Escritura são cosmológica e historicamente verdadeiros.

Leonard Brand e David C. Jarnes resumem a evidência judaico-cristã

damente seis mil anos e assim não existe brecha entre os acontecimentos descritos nos dois primeiros versículos do primeiro capítulo de Gênesis.⁶ É a teoria da “lacuna ativa”, que insere uma descrição especulativa do que poderia ter acontecido na lacuna entre os eventos de Gênesis 1:1 e Gênesis 1:2.⁷

“A teoria da evolução está longe de ser um fato demonstrado, abrindo o caminho para que o relato bíblico seja uma alternativa razoável”

para a razoabilidade da Escritura, listando o seguinte: 1) O cumprimento histórico das profecias bíblicas; 2) o apoio arqueológico para eventos, pessoas e lugares históricos; 3) orientações sobre saúde, que diferem radicalmente das do Egito, apontando assim uma revelação sobrenatural. Essas três fontes bíblicas de evidências são comprováveis e assim fortalecem nossa consideração da Bíblia como razoável também nas partes que não podem ser provadas. Esta é uma característica devida não ao caráter pré-científico da Bíblia, mas às limitações da ciência.³

Justo Gonzáles definiu “criacionismo” como “a resposta de alguns cristãos conservadores à teoria da evolução, vista como ameaça à doutrina cristã da criação... De acordo com os criacionistas, o relato bíblico... da criação é cientificamente defensável, e há uma irreconciliável diferença entre a doutrina cristã da criação e a teoria científica da evolução...”⁴ Uma forma de criacionismo (criacionismo recente em seis dias), enfatiza que a vida e organização deste planeta foram originadas sobrenaturalmente no período de seis dias e recentemente (alguns milhares e não milhões de anos atrás).⁵

Assim, embora admitindo que o planeta Terra possa ter sido criado em um tempo antes de Gênesis 1:2, esse criacionismo evita o desvio para o criacionismo da Terra jovem, segundo o qual o próprio planeta rochoso, se não todo o Universo, tem aproxima-

Evidências bíblicas e teológicas

Portanto, é razoável manter a ideia de uma criação em seis dias semanais? Cremos dessa forma, por algumas razões. As primeiras três são persuasivas para aqueles que já creem na Bíblia, enquanto as outras podem ser mais pertinentes para quem ainda não crê.

Criacionismo em seis dias semanais é tão razoável no mesmo grau em que é razoável a fé na Bíblia. É tão razoável crer no caráter fatural, histórico e não místico do relato da criação como é razoável crer em outros relatos da Bíblia, como a encarnação de Jesus, Sua ressurreição, ascensão e a promessa da Sua segunda vinda.⁸ Em outras palavras, o criacionismo em seis dias semanais é um assunto de fé, mas uma fé apoiada pelas evidências. O evolucionismo naturalista ultimamente é fundamentado também sobre pressuposições filosóficas (como a eternidade da energia/matéria, abiogênese, uniformitarianismo e naturalismo reducionista). Assim, também busca evidências para estabelecer sua razoabilidade.

Consequentemente, um aspecto importante dessa discussão sobre razoabilidade concerne ao grau de autoridade que deve ser atribuído aos fundamentos que sustentam o criacionismo e o evolucionismo. Seriam as pressuposições ou conclusões dos cientistas evolucionistas mais confiáveis que a Escritura? Brand e Jarnes, tendo descrito a relatividade das teorias científicas, por

um lado, e por outro, a razoabilidade da fé na Bíblia, concluem que “se o naturalismo é falso e Deus realmente Se comunicou com os escritores da Bíblia, devemos ter razão para crer que ela é mais digna de confiança do que autoridades humanas”.⁹

Há uma ligação entre o relato honesto da criação em Gênesis e o período postulado para a criação. Richard Davidson argumenta de maneira convincente que o relato bíblico da criação claramente aponta para a descrição de eventos literais, históricos, implicando um processo curto abarcando dias de 24 horas. Ele mostra que mesmo os mais cuidadosos eruditos histórico-críticos têm insistido em que o autor de Gênesis pretendia que seus leitores compreendessem todo o processo da criação da vida na Terra dentro daquela moldura de tempo. O relato da criação não exhibe nenhum sinal de linguagem alegórica ou mitológica e, assim, não permite a interpretação de dias-anos para a semana da criação.¹⁰

De maneira idêntica, o quarto mandamento do Decálogo (Êx 20:8-11) presume que os dias da criação foram literais de 24 horas, ligando intimamente a celebração do sábado com a semana original.¹¹ Assim, toda tentativa de reconciliar a criação com a visão evolucionista com base em uma história extensiva de vida na Terra, como a evolução teísta e criacionismo antigo/criação progressiva está em desacordo com a clara intenção da Escritura.¹²

A extensão da história da vida na Terra ajustada ao evolucionismo teísta ou ao criacionismo antigo é fundamentada na pressuposição de que as genealogias em Gênesis são simbólicas ou representativas. B. B. Warfield estabelece o fundamento para essa abordagem argumentando que podemos confiar em grande escala nas genealogias bíblicas começando com Abraão, desde que temos informações adicionais ao lado dessas genealogias, mas que não podemos fazer o mesmo com as genealogias antigas, porque “dependemos inteiramente de inferências tiradas das genealogias

relatadas nos capítulos cinco e onze de Gênesis. E se as genealogias escriturísticas não provêm sólida base para inferências cronológicas, está claro que não temos dados escriturísticos para formar uma estimativa de duração dessas idades”.

Aplicando o estilo genealógico de Mateus e Lucas às genealogias em Gênesis 5 e 11, Warfield explica que “não há razão inerente na natureza das genealogias escriturísticas pela qual uma genealogia de dez conexões relatadas... pode não representar um real descendente de cem mil ou dez mil conexões”.¹³ Entretanto, Davidson argumenta conclusivamente que as genealogias de Gênesis 5 e 11 contêm dois aspectos especiais que fazem um esforço extra para provar o contrário, isto é, “que não há falhas entre os patriarcas individuais mencionados”: 1) “único aspecto interligado do texto” (“um patriarca viveu X anos e gerou um filho; depois que gerou esse filho, viveu mais Y anos e gerou filhos e filhas; e todos os anos desse patriarca foram Z anos”) torna “impossível argumentar que haja significativas lacunas geracionais”; e 2) diferente de outras genealogias bíblicas que usam a forma *Qal* de “gerar”, a forma *Hiphil* (*yalad*) é usada, que “é a forma causativa especial que sempre se refere, em qualquer lugar do Antigo Testamento, à descendência física direta, isto é, relacionamento biológico de pai-filho (Gn 6:10; Jz 11:1; 1Cr 8:9; 14:3; 2Cr 11:2; 13:21; 24:3).”¹⁴ Assim, essas genealogias bíblicas excluem a história extensiva da vida tão necessária àqueles que desejam reconciliar a Bíblia com a evolução e representam um razoável instrumento histórico para situar um período recente de vida na Terra.¹⁵

A criação em seis dias semanais é consistente com os conceitos bíblico-teológicos de justiça, amor e onipotência divinos. A desilusão de Darwin com a noção de um Deus amoroso e justo foi baseada em sua rejeição (e aparentemente incompreensão) da teodiceia clássica que atribui a situa-

ção desagradável do planeta ao abuso da liberdade da vontade.¹⁶ Porém, se Deus é, na verdade, não apenas onipotente mas também amoroso e justo, então é perfeitamente razoável que Ele devesse criar e organizar a vida neste planeta em um processo curto, inofensivo e ordeiro, porque qualquer coisa menos que isso, como a violenta progressão da vida durante longos períodos descritos pela teoria evolucionista, seria repugnante à Sua natureza.

“Se Deus Se comunicou com os autores da Bíblia, devemos ter razão para crer que ela é mais confiável do que autoridades humanas”

Evidências científicas

A razoabilidade de uma criação em seis dias semanais é evidente nos debates ao longo dos anos entre ciência e cristianismo. A pressuposição de uma longa história para a vida na Terra resulta dos conceitos prevalentes nos séculos 18 e 19, sobre biologia uniformitarista e evolução biológica de uma fonte comum alicerçada em probabilidades percebidas e seleção natural.¹⁷ Entretanto, Ariel Roth mostra como recentes desenvolvimentos na ciência têm progressivamente desafiado o uniformitarianismo em favor do catastrofismo global, notando que a partida começou com observações de fenômenos globais tais como correntes de lodo produzindo rápida deposição. Ainda mais revelador é o recente surgimento de teorias explicando a extinção dos dinossauros, por meio de uma catástrofe global resultante de um asteroide ou cometa.¹⁸

A emergência do neocatastrofismo, que adiciona apoio aos modelos de dilúvio explicativos dos depósitos geológicos em termos de rápido e recente desenvolvimento, tem provido apoio adicional à criação recente.¹⁹

A evolução biológica tem encontrado significativos desafios em seus próprios conceitos. É muito interessante obser-

var que cientistas como Stephen J. Gould e Niles Eldredge têm promulgado o conceito de equilíbrio pontuado para explicar a falta de evidência para fósseis transicionais.²⁰ E Michel Denton, numa base puramente científica, tem desafiado a validade da discussão evolucionista da paleontologia para a biologia molecular.²¹ Em resumo, a teoria da evolução está longe de ser um fato demonstrado, abrindo o caminho para que o relato bíblico da criação seja uma alternativa razoável.

Um antigo provérbio romano diz: “Não troque o pardal que está em sua mão pelo que está na cerca”. Considerando o peso combinado de todas as razões apresentadas até aqui, é claramente razoável crer em uma criação recente em seis dias. ▀

Referências:

- 1 Leonard Brand e David C. Jarnes, *Beginnings: Are Science and Scripture Partners in the Search for Origins?* (Nampa, ID: Pacific Press, 2005), p. 25, 27.
- 2 Norman L. Geisler, *Baker Encyclopedia of Christian Apologetics* (Grand Rapids, MI: Baker), p. 239, 243.
- 3 Leonard Brand e David C. Jarnes, *Op. Cit.*, p. 30-32.
- 4 Justo L. Gonzales, *Essential Theological Terms* (Louisville, KY: Westminster John Knox, 2005), p. 42.
- 5 Ariel Roth, *Origins: Linking Science and Scripture* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1998), p. 316.
- 6 Jim Gibson, *Jats 15* (2004), p. 74, 75.
- 7 Ariel Roth, *Op. Cit.*, p. 316-318.
- 8 Leonard Brand e David C. Jarnes, *Op. Cit.*, p. 30-32, 27.
- 9 Lamech Liyayo, *Ted Peters' Proleptic Theory of the Creation of Humankind in God's Image: Critical Evaluation* (Silang, Filipinas: Tese de PhD, Instituto Internacional Adventista de Estudos Avançados, 1998).
- 10 Richard Davidson, *Jats 14* (2003), p. 5-10.
- 11 Norman R. Gulley, *Jats 14* (2003), p. 195-228.
- 12 Jim Gibson, *Op. Cit.*, p. 73-78.
- 13 B. B. Warfield, *Biblical and Theological Studies* (Filadélfia: PENN: The Presbyterian & Reformed Publishing, 1968), p. 240, 241.
- 14 Richard Davidson, *Op. Cit.*, p. 26.
- 15 SDABC, v. 5, p. 723.
- 16 Nigel M. de S. Cameron, *Evolution and the Authority of the Bible* (Exeter, UK: Paternoster, 1983), p. 50-63.
- 17 Ariel Roth, *Op. Cit.*, p. 197, 198.
- 18 *Ibid.*, p. 199, 200.
- 19 *Ibid.*, p. 200-230.
- 20 *The Columbia Encyclopedia*, citada em www.uestia.com/PM.qst?a=o&d=112861604 em 23/08/2009.
- 21 Michael Denton, *Evolution: A Theory in Crisis* (Bethesda: MD: Adler & Adler, 1986).
- 22 Ariel Roth, *Op. Cit.*, p. 332, 333.



Professor de teologia no Unasp, atualmente faz pós-doutorado na Alemanha

“Todo o Israel será salvo”

O plano divino da salvação inclui pessoas de todos os povos e raças, desde que a aceitem pela fé em Jesus Cristo



Ilustração: Thiago Lobo

Nos capítulos 9-11 da epístola aos romanos, Paulo trata com o lugar dos judeus e gentios no plano de salvação de Deus. Enquanto contrasta a rejeição (por parte de Israel) de Jesus como Messias com a aceitação dEle pelos gentios, o apóstolo faz uma surpreendente declaração: “E, assim, todo o Israel será salvo” (Rm 11:26). Tomadas apressadamente, essas palavras parecem indicar que, em algum tem-

nessa passagem, “Israel” significa o número total de crentes judeus através dos tempos, ou o remanescente judeu-cristão.³ Outra interpretação dos primeiros séculos cristãos é que “Israel” representa o novo Israel espiritual, ou seja, a igreja composta de todos os que são salvos pela graça de Deus, sejam judeus ou gentios, de todas as eras e raças.⁴

O que Paulo realmente está dizendo nessa passagem?

“Ao contrário de destinar algumas pessoas para a salvação e outras para a destruição, o propósito de Deus inclui a demonstração de graça para todos”

po futuro, e de alguma forma, toda a nação judaica será salva. Muitos intérpretes creem justamente assim.

Eles pressupõem um tipo de conversão apocalíptica da nação literal de Israel e a restauração do reino davídico justamente antes da segunda vinda de Jesus.¹ Alguns até sugerem que Deus valoriza tanto os judeus que eventualmente os salvará em bases diferentes da salvação dos gentios.² Outros têm argumentado que,

Quem é “Israel”

Embora muito popular em alguns círculos,⁵ a ideia de que “Israel” aqui se refere à igreja como um todo tem pouco apoio exegético. Embora seja verdade que em outros lugares Paulo parece aludir ao que é costumeiramente chamado de “Israel espiritual” (Rm 2:28, 29; Gl 3:6-9, 26-29; 6:16; Ef 2:14), o argumento decisivo contra a leitura desse conceito, nessa passagem, é o contexto de Romanos 9-11.

Aqui, em cada uma das ocorrências, o termo *Israel* incontestavelmente se refere ao Israel étnico,⁶ especialmente o contexto imediato do capítulo 11, que distingue claramente gentios de Israel (v. 25). Primeiramente, os capítulos 9-11

falam da falha do Israel étnico em obter a salvação. Além disso, no início do capítulo 11, os gentios são explicitamente distinguidos dos judeus étnicos: gentios sendo enxertados à oliveira enquanto os judeus, como ramos naturais, são quebrados.

Na verdade, o argumento de que Israel, no verso 26, inclui crentes gentios exige que Paulo mude subitamente para um novo significado do termo *Israel*, pois, no verso 25, ele diz ter havido um endurecimento parcial a Israel, até que a plenitude dos gentios fosse alcançada. Então, parece óbvio que, no verso 26, “Israel” se refere ao Israel étnico distinto dos gentios. Isso é confirmado pelo verso 28, onde está presente a distinção entre os judeus étnicos e os gentios.⁷

Quanto à afirmação de que o termo “Israel” nessa passagem se refere apenas ao remanescente judeu-cristão, ou o eleito dentro do Israel étnico, a principal objeção vem do contexto. Sem dúvida, o tema do remanescente é proeminente na Escritura, particularmente em Romanos (Rm 9:6-8; 11:1-6), mas nesse capítulo, o remanescente não é Israel. É apenas parte de Israel, pois não inclui “os mais” (v. 7), isto é, aqueles que não creram em Jesus.

Entretanto, mais significativo é o fato de que a preocupação de Paulo nesses capítulos não é quanto ao remanescente, mas aos restantes, os descrentes de Israel. Para ele, o remanescente apenas mostra a continuidade da misericórdia de Deus e que Israel, como um todo, não foi rejeitado (v. 1-5). Justamente porque alguns têm crido, incluindo o próprio Paulo, ele antecipa a plena inclusão de judeus que permanecem na descrença (v. 12).

Isso significa que o remanescente não esgota o significado do verso 26. Limitar a expectativa de todo Israel ao remanescente já salvo poderia tornar irrelevante todo o capítulo 11.⁸

Significado de “todo”

Com respeito à palavra *todo*, parece claro que seu significado não é cada indivíduo judeu e, portanto, não pode se referir a uma salvação nacional ou por ataque de Israel. Essa posição também pode ser demonstrada do contexto, pois a expectativa de Paulo não era “todos” mas que apenas “alguns” poderiam ser salvos (v. 14, 17), e isso se não persistissem na descrença (v. 23). Para Paulo, a salvação dos judeus não é inevitável nem é coletiva, mas individual e tem que ver com a decisão de aceitar Jesus Cristo.⁹

Alguns têm observado que a necessidade de crer em Jesus para salvação não é mencionada em Romanos 11, implicando que os judeus podem ser salvos com base em algo diferente, ou seja, a observância da lei. Entretanto, Romanos 11 não pode ser separado do contexto dos capítulos 9-11 e da epístola como um todo. O que preocupava o apóstolo era que seu próprio povo estivesse separado de Cristo (Rm 9:3). Ele culpou Israel pela falta de crença em Cristo (9:31-10:8) e continuou argumentando que a salvação tanto para judeus como para gentios é apenas através da fé em Cristo (10:9-13). Paulo não conhecia nenhuma outra forma de salvação, a não ser através da fé em Jesus” (Rm 1:16, 17).¹⁰

É importante salientar que a salvação da qual Paulo fala aqui é essencialmente espiritual, não material nem política. Nos capítulos 9-11, os termos *salvação* e *salvar* são usados repetidamente (9:27; 10:1, 9, 10, 13; 11:11, 14, 26), com o sentido espiritual aclarado por sinônimos e temas relacionados, tais como justificação, reconciliação, aceitação, misericórdia, bondade, compaixão e graça. No próprio texto de Rm 11:26, 27, Paulo descreve a salvação de Israel como afastamento de pecados pelo Libertador. E não poderia ser diferente. Desde que

a falha de Israel foi ter rejeitado Cristo (Rm 10:1-4), a salvação da nação tem de ser compreendida especificamente em relação a Cristo. Assim, ela deve ser espiritual por natureza, não material; eterna, não temporal.

Compreendendo o “mistério”

Antes de afirmar que “todo o Israel será salvo”, Paulo se referiu ao que ele chama de “mistério” (Rm 11:25), que tem tríplice aspecto: “Israel experimentou um endurecimento em parte, até que chegue a plenitude dos gentios. E assim todo o Israel será salvo” (v. 25, 26). Ao empregar a palavra “até”, Paulo não indicou que a dureza de Israel é temporária e será revertida um dia, mas que a situação devia prevalecer através do fim do tempo, enquanto a “plenitude” dos gentios é alcançada,¹² o que certamente não significa mais que uma grande conversão de gentios. A expressão “plenitude dos gentios” é paralela a “todo o Israel”. Não é possível esperar que cada gentio seja salvo, mas todo o que aceitar Jesus será salvo. Em outras palavras, o princípio permanece para “todo o Israel”. Uma expressão explica a outra.¹³

Outro aspecto do mistério é que a conversão de gentios poderia funcionar como a maneira pela qual Israel poderia ser salvo. Isso mostra o significado da expressão “e assim”. Paulo foi capaz de perceber um propósito divino atrás da conversão dos gentios em relação com Israel. Ele queria admitir que a dureza de Israel fosse causada pelo próprio Deus (Rm 9:18; 11:7, 17),¹⁴ mas o ponto principal aqui é que Deus está no controle, e mesmo que alguma coisa saia errado, Ele ainda pode transformar isso em uma bênção da qual Israel pode participar (11: 23, 11, 12).

Ao contrário de destinar algumas pessoas para a salvação e outras para a destruição, o propósito final de Deus inclui a demonstração da graça para todos (v. 32). Consequentemente, a falha de Israel se tornou a oportunidade dos gentios (v. 30), e agora Ele deseja usar a conversão dos gentios como oportunidade para Israel (v. 31).

Sendo provocado ao ciúme, Israel, ou pelo menos parte dele, se arrependeria e se voltaria para Deus (v. 14, 23).¹⁵ Assim sendo, o propósito salvador de Deus seria cumprido, mas no caminho oposto ao que tinha sido antecipado pelos profetas, e em um sentido, por Paulo (cf Rm 1:16). Isto é, os gentios poderiam não ser atraídos a Deus pelo povo de Israel (Is 2:2-4; Mq 4:1-5), mas por outra maneira.

O tempo do mistério

O principal problema em relação a esse mistério é o tempo de seu cumprimento. É verdade que, no capítulo 11, algumas vezes Paulo usou o tempo futuro, ao se referir à salvação de Israel (v. 14, 23, 24, 26), mas ele não estabeleceu um tempo fixo em que isso devia ocorrer. A frase “virá de Sião” (v. 26) não se aplica à segunda vinda de Cristo, como alguns argumentam,¹⁶ mas ao primeiro advento e seus efeitos, que são a base para a salvação de Israel. Ademais, ao usar a palavra “agora” nos versos 30 e 31, Paulo parece conceber a pregação do evangelho aos gentios e a execução dos propósitos de Deus para o povo de Israel como tendo cumprimento presente.¹⁷ Ele não sugere uma ordem de dispensações sucessivas, nem um súbito evento num futuro distante, mas um processo dinâmico dentro da moldura da presente era de salvação, o qual, já em seus dias, Paulo considerou ser essencialmente escatológico (cf. 1Co 10:11).

Sendo assim, Romanos 11:25, 26 assume um curso de eventos já em progresso no tempo de Paulo (v. 13, 14), o qual, de fato, não terminará antes que esta era de salvação chegue ao fim. Quando a totalidade dos crentes gentios tiver sido reunida, então a totalidade de crentes judeus também estará reunida.¹⁸ Entretanto, o processo ainda espera sua consumação.

Isso não significa que ele não possa crescer em intensidade, à medida que o fim de aproxima. Nada em Romanos 11 exclui uma possível conversão em larga escala de judeus no futuro. Embora o significado do

verso 26 não seja restrito ao futuro nem seja argumentado que essa conversão possa ocorrer somente depois que o número de gentios tenha sido reunido, não há razão pela qual isso não possa acontecer.¹⁹ Embora Paulo não explique como isso aconteceria, não há dúvida de que ele viu a conversão dos judeus e gentios apenas em ligação com a pregação do evangelho (Rm 10:14, 15; 1:16). Portanto, muito

“Há uma poderosa obra a ser feita no mundo. O Senhor declarou que os gentios serão recolhidos, e não somente os gentios, mas também os judeus”

mais conversões entre os judeus podem ser esperadas se, por exemplo, os “gentios” intensificarem seus esforços missionários em direção a eles.²⁰

De toda maneira, a salvação dos judeus nessa passagem parece ser condicional por natureza. No Antigo Testamento, aprendemos que profecias e promessas podem ser condicionais mesmo quando as condições não são explícitas (Jo 3:1-10; 1Rs 21:19-29; Jr 18:7-10). No caso da salvação de Israel, Paulo a identificou como sendo desejo do seu coração e motivo de sua oração a Deus (Rm 10:1; 11:14, 27, 31, 32). O termo grego usado nas referências do capítulo 11 é um modo subjuntivo, indicando o desejo do apóstolo e possíveis ações, não necessariamente ações reais. Isso combina com o verso 23, onde Paulo diz que Deus tem poder para enxertar outra vez a oliveira, e que Ele fará isso, se eles não continuarem na incredulidade. Essa é a condição. Tudo depende da atitude dos judeus em relação a Cristo.

Desejo de salvar

Portanto, em Romanos 11:26, Paulo está falando a respeito da salvação do Israel étnico, que poderia ocorrer não necessariamente apenas em

alguma época no futuro, mas através de toda a história da salvação. Assim, “todo o Israel” não significa judaísmo dos últimos dias. Mesmo que o termo “todos” significasse “cada”, Paulo dificilmente poderia estar pensando somente numa fração de judeus que viveriam no tempo do fim. Isso somente reforça a ideia de que Romanos 11:21 não se refere a livramento político ou geográfico antes da segunda vinda de Jesus, mas à salvação espiritual.

Deus não rejeitou Israel para sempre (v. 2). Ele ainda o ama (v. 28) e ainda está comprometido com ele (v. 29), como é demonstrado pela conversão do remanescente. Mas Deus não quer salvar apenas o remanescente. Ele deseja salvar “todo o Israel”, e está pronto para fazer isso, tão logo Israel se volte para Jesus. Provisões têm sido feitas para que isso aconteça. Numa completa inversão das expectativas do Antigo Testamento, Paulo acredita que a grande reunião de gentios pode incitar os judeus ao ciúme e, assim, levá-los à salvação. Se aceitarem, diz Paulo, isso exercerá poderoso impacto no mundo cristão, comparável ao surgimento de vida entre os mortos (v. 15). ▀

Referências:

- ¹ Essa visão é particularmente associada ao dispensacionalismo, que vê Israel e a igreja como duas entidades totalmente separadas. Ver *The Scofield Study Bible*, p. 1504. Embora não falem em termos de restauração material ou política de Israel, outros mantêm a ideia de que, nessa passagem, Paulo quer dizer que toda a nação judaica, sem exceção, será salva. Otfried Hofius, por exemplo, chega ao ponto de sugerir que a salvação de Israel acontecerá na volta de Jesus, quando todos os judeus ressuscitarão e “ouvirão o evangelho pregado pelo próprio Cristo” (*Princeton Seminary Bulletin, Supplements*, v. 1, (1990), p. 19-39).
- ² Também conhecida por Teologia dos Dois Concertos, defendida por teólogos como: Krister Stendhal, *Meanings: The Bible as Document and as Guide* (Filadélfia: Fortress, 1984), p. 215, 243; John G. Gager, *Reinventing Paul* (Oxford: Oxford University Press, 2000), p. 128-142; C. H. Dodd, *The Epistle to the Romans* (Londres: Hodder & Stoughton, 1954), p. 184.
- ³ G. C. Berkouwer, *The Return of Christ* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1972), p. 349.
- ⁴ Essa visão tem encontrado menos apoio entre os eruditos contemporâneos.
- ⁵ Clinton Wahlen, *Interpreting Scripture: Bible Questions and Answers*, ed. Gerhard Pfandl (Silver Spring, MI: Biblical Research Institute, 2010), p. 351-355.

⁶ As referências são: Rm 9:6 (duas vezes), 27 (duas vezes, 31; 10:19, 21; 11:2, 7, 25, 26.

⁷ F. F. Bruce, *The Epistle to the Romans* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986), p. 209.

⁸ Quando Paulo fala do remanescente de Israel, ele se refere especificamente ao primeiro advento de Jesus, como Messias. Em outras palavras, o remanescente era formado por judeus crentes no tempo de Paulo.

⁹ Sintaticamente, é correto compreender o adjetivo grego traduzido como “todo (*pas*)” sem o artigo e seguido de substantivo singular (“todo Israel”) como referência à totalidade, sem qualquer sentido individual. Portanto, tem significado corporativo, como nestas passagens da Septuaginta: 1Sm 7:5; 1Rs 12:1; 2Cr 12:1; Dn 9:11.

¹⁰ George E. Ladd, *A Theology of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993), p. 584, 585; ver Reidar Havivik, *Journal for the Study of the New Testament* 38 (1980), p. 87-107.

¹¹ Vern S. Poythress, *Understanding Dispensationalists* (Phillipsburg: P&R, 1994); Hans K. LaRondelle, *The Israel of God in Prophecy: Principles of Prophetic Interpretation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1983).

¹² Ben L. Merkle, *Journal of the Evangelical Theological Society* 43 (2000), p. 715, 716.

¹³ Thomas R. Schreiner, *Paul, Apostle of God's Glory in Christ: A Pauline Theology* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2001), p. 182, 183.

¹⁴ Joseph A. Fitzmyer, *Romans* (Nova York: Doubleday, 1993), p. 568.

¹⁵ Embora a expressão “e assim” possa também ter sentido temporal, nesse exemplo, o significado poderia ser “e então”. Ver Pieter W. van der Horst, “Only Then Will All Israel Be Saved: A Short Note on the Meaning of *kai houtós* in Romans 11:26”, *Journal of Biblical Literature* 119 (2000), p. 521-525.

¹⁶ Em Romanos 11:26, 27, Paulo cita as profecias de Isaías 59:20, 21 (LXX). Como Fitzmeyer aponta, “nem mesmo o futuro *héxei* (virá) necessariamente implica a segunda vinda. Em nenhuma parte dos capítulos 9-11 se faz referência a *parousia*” (*Op. Cit.*, p. 525).

¹⁷ Há uma discussão sobre a originalidade da palavra “agora” no verso 31, ou se ela representa uma adição posterior ao texto. Embora o mais antigo manuscrito grego de Romanos, o *Chester Beatty Papyrus*, não inclua essa palavra, a evidência combinada dos *Codices Sinaiticus* e *Vaticanus*, reconhecidamente o mais exato manuscrito do Novo Testamento, parece favorecer a presença da referida palavra no texto.

¹⁸ William Hendriksen, *Israel in Prophecy* (Grand Rapids, MI: Baker, 1968), p. 48-51. Segundo Merkle, quando se refere à dureza de Israel, no verso 25, bem como no verso 7, “Paulo está falando quantitativamente (em parte) e não temporariamente (por enquanto)” (*Op. Cit.*, p. 715).

¹⁹ Anthony A. Hoekema, *The Bible and the Future* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1979), p. 147.

²⁰ Diz Ellen G. White: “Há uma poderosa obra a ser feita no mundo. O Senhor declarou que os gentios serão recolhidos, e não somente os gentios, mas também os judeus. Há entre os judeus muitos que serão convertidos e por meio de quem veremos a salvação de Deus sair como lâmpada ardente”, (*Evangelismo*, p. 578, 579).



Secretário associado da
Divisão Centro-Oeste
Africana

Adoração trinitariana

Nosso culto não está predominantemente fundamentado no que fazemos, mas em nossa maneira de nos relacionarmos com Deus

Nossos pensamentos sobre Deus determinam o modo pelo qual O adoramos. Portanto, uma correta estrutura teológica é essencial à boa prática litúrgica. Em outras palavras, a teologia molda a maneira pela qual adoramos. Sendo esse o caso, às vezes me lembro de uma época em que permiti que a doutrina adventista sobre Deus exercesse grande impacto em meu ministério de louvor. Meu interesse em renovar o culto tinha mais que ver com a mudança de formato do que tratar com as profundas estruturas da adoração. Eu acreditava em Deus como uma Trindade, ainda que raramente pudesse ver a ligação entre a Trindade e a liturgia. À semelhança de todos os cristãos comprometidos, eu compreendia o incomparável amor do Pai, o singular sacrifício de Cristo e o poder santificador do Espírito.

Mas o problema envolvia o fato de eu não ter articulado claramente essas verdades em minha própria experiência nem no estilo de culto, embora conhecesse a segunda crença fundamental da igreja: “Há um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, uma unidade de três Pessoas coeternas. Deus é imortal, onipotente, onisciente, acima de tudo e sempre presente. Ele é infinito e está além da compreensão humana, mas é conhecido por meio de Sua autorrevelação. Para sempre é digno de culto, adoração e serviço por parte de toda a criação.”¹

Este artigo tenta explorar a ligação entre a doutrina da Trindade e a liturgia, e refletir teologicamente sobre a adoração trinitariana. Começo com uma premissa simples: Se o culto é centralizado em Deus e se Deus é uma Trindade, quando o culto deve ser trinitariano?² Paulo captou essa ênfase trinitariana, quando declarou:

“Porque por Ele, ambos temos acesso ao Pai em um Espírito” (Ef 2:18). Ou seja, no culto, basicamente chegamos primeiro e antes de tudo ao Pai através do trabalho do Filho no poder do Espírito Santo. Isso significa que as três Pessoas da Divindade estão envolvidas em nosso culto.

Em sua mais autêntica e simples forma, o culto trinitariano equipara nossa resposta capacitada pelo Espírito ao chamado do Pai para louvar através de Cristo.

Em busca de adoradores

Em Seu diálogo com a mulher samaritana (Jo 4:7-26), Jesus enfatizou que Deus busca adoradores mais que estes O buscam. Essa mudança de ênfase nos lembra que Deus inicia o verdadeiro culto, confrontando-nos com Seu amor. Assim, o culto se torna nossa resposta à procura e à autorrevelação que Ele faz de Si.

O descendente movimento de Deus modela o culto cristão autêntico.

Durante aquela conversa, Jesus também ressaltou o fato de que o verdadeiro culto não está ligado a geografia, etnia, rituais ou tradições, mas a uma nova forma de relacionamento com Deus, ou seja, como “Pai, em espírito e em verdade” (Jo 4:23). Esse componente de relacionamento inclui a chave para a compreensão e aprovação do culto. O culto não está predominantemente fundamentado no que fazemos, mas em nossa maneira de nos relacionarmos com Deus. Não podemos cultuar verdadeiramente a Deus, a menos que nos relacionemos apropriadamente com Ele e com Cristo. A maneira mais excelente de comungar com Deus é nos relacionarmos com Ele como Pai.

O verdadeiro culto é dirigido ao Pai, através de Cristo e no Espírito Santo. A preponderância do Pai não significa que não possamos tributar honra e louvor ao Filho e ao Espírito Santo. De fato, Jesus ensinou que dar glória ao Filho significa glorificar o Pai (João 17). Entretanto, no Novo Testamento, há muito mais orações e culto oferecidos ao Pai do que ao Filho e ao Espírito Santo. Os cristãos primitivos foram admoestados com os seguintes termos: “Enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (Ef 5:18-20).

Semelhantemente, alusões e referência ao culto no Novo Testamento frequentemente seguem um modelo trinitariano, sem, na verdade, expressar um culto ao Pai que diminua em qualquer forma a importância de Jesus e do Espírito Santo. Essa mesma ação trinitariana também pode ser vista em Gálatas 4:6: “Porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de Seu Filho, que clama: Aba, Pai.”

Consequentemente, nossa adoração do Pai depende da atividade do Filho e do Espírito Santo. Deus não pode ser aceito como Pai, sem Cristo

e o Espírito Santo. Somente através de Jesus e do Espírito, podemos ter um claro vislumbre do Pai. Não podemos compreender como adorar o Pai à parte do trabalho de Cristo por nós e do ministério do Espírito Santo em nós. Em Cristo, podemos nos aproximar do Pai; no Espírito, podemos conhecê-Lo experimentalmente.

Assim, a adoração cristã é mais relacional que cúltica. No sistema de Deus, os serviços religiosos não têm preponderância sobre corações adoradores, pois Deus está mais interessado na condição do nosso coração do que em nossos mais elaborados serviços litúrgicos. Essa compreensão de um Pai amorável que nos procura, conforme demonstrado nos evangelhos, estimula nosso culto, tornando claro que o Pai está mais interessado em buscar adoradores do que em simplesmente buscar culto. Sua maior alegria é estar em relacionamento conosco, à medida que respondemos a Seu amor.

Dirigindo adoradores

A liturgia também tem um foco cristológico.³ Adoramos a Deus como Trindade por causa de Cristo. Através de Sua encarnação, morte e ressurreição, Ele nos oferece uma janela através da qual podemos captar um mais claro lampejo de Deus. Como Filho do homem, Ele ofereceu perfeita adoração a Deus, glorificando-O através de Sua vida imaculada e Seu ministério. Como Emanuel, Deus conosco, Ele representou e revelou o Senhor da criação. Ao longo de todo o Seu ministério, Jesus agiu e falou em favor do Pai. Consequentemente, Ele podia dizer: “Quem Me vê a Mim vê o Pai” (Jo 14:9).

O culto se torna possível somente pelo ministério reconciliador de Cristo. No Calvário, Ele reconciliou a humanidade com Deus, ao destruir o pecado e abrir o caminho para um novo concerto. Ofereceu-Se na cruz, de modo que possamos Lhe oferecer em troca nossa vida, como sacrifício vivo (Rm 12:1, 2). Sem Ele, nosso culto seria idolatria, porque poderíamos estar adorando uma imagem auto-

construída de Deus, algo construído fora da revelação que Deus faz de Si mesmo em Cristo.

O verdadeiro culto não pode ser separado do evangelho. É centralizado em Cristo e focalizado na cruz. Por exemplo, o livro de Apocalipse descreve Cristo como um guerreiro majestoso, digno “de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e glória, e louvor” (Ap 5:12). Ao vencer a sepultura, Jesus nos livrou das mãos do maligno e nos transportou para o reino do amor de Deus. Isso explica por que Jesus partilha a mesma autoridade (Ap 5:6-9; 7:17; 12:10) e glória (Ap 5:13; 21:22, 23) com o Pai. Louvor, adoração e honra pertencem “Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro” (Ap 5:13). O que se aplica a Deus, o Criador, igualmente se aplica a Jesus, o Cordeiro.

O Novo Testamento também focaliza o presente ministério do Cristo vivo, que permanece “diante de Deus” (Hb 9:24). Ele é nosso Sumo Sacerdote e mediador através de quem temos acesso ao Pai (Hb 7:25). Também é nosso *leitourgos* (Hb 8:2), ministro de liturgia celestial, ou líder de culto, que leva nosso nome, nossa vida, nossas orações e nosso louvor em Seu coração, enquanto ministra no santuário celestial. Ele limpa e purifica nossas orações e louvor manchados, para oferecê-los imaculados ao Pai. Em resumo, Cristo faz mediação pelas bênçãos e salvação de Deus para nós, e também por nosso culto a Ele.⁴ Por essa razão, o culto se torna nossa participação na própria adoração perfeita de Cristo.

Obviamente, a imagem de Cristo dirigindo adoradores despoja nosso culto de sua tendência pelagiana. Tem-se tornado comum em alguns círculos o hábito de ver o culto como nossa habilidade para mover o coração de Deus através de *nosso* cântico, *nossas* ações de graças, *nossas* orações, como se o culto fosse um meio litúrgico para impressionar um Deus impassível. Essa ênfase em *nosso* resposta, *nosso* fé e *nosso* sinceridade é teologicamente falha e espiritual-

mente doentia, porque sutilmente focaliza nossa atenção no próprio eu, em vez de Deus.

Esse ofuscamento do papel mediador de Cristo em nosso favor frequentemente é emparelhado com a ascendência dos líderes de culto e pregadores. Lamentavelmente, não raro eles são vistos como instrumentos únicos para nos levar à presença de Deus. Isso é um retorno ao conceito pré-Reforma de culto, em que o sacerdote serve como elo entre o adorador e Deus. Sob tais condições, o culto é visto como desempenho feito por uma audiência, em vez de uma atividade comum feita pelo corpo de crentes.

Isso não deprecia o fato de que a igreja tem indivíduos separados para liderar o culto. Todavia, necessitamos nos lembrar de que Cristo é o supremo Líder de culto. Não chegamos à presença de Deus através de líderes capacitados, mas pelos méritos de um poderoso Salvador. O sangue de Jesus, não seres humanos por mais capacitados que sejam, é que nos permite acesso ao trono da graça. Dentro dessa visão, o líder local de culto não atua em favor dos adoradores, mas entre eles. E faz isso em reconhecimento de que um único Sumo Sacerdote agora intercede por nós, no santuário celestial.

Capacitados pelo Espírito

Toda compreensão de culto deve estar intimamente ligada à presença e atividade do Espírito Santo na igreja. Como declara o apóstolo Paulo, nós recebemos o Espírito de adoção, por meio do qual podemos nos aproximar de Deus como “Aba, Pai” e proclamar Jesus como Senhor (Rm 8:15; 1Co 12:3).

A menos que o Espírito Santo capacite a comunidade adoradora, o culto perde seu aspecto profético e relacional. No culto, expressamos louvor a Deus, enquanto somos continuamente transformados para servir no mundo. Profeticamente proclamamos que o Reino de Deus encontra sua expressão na vida da igreja, até que se manifeste plena-

mente por todo o Universo no fim dos tempos. O Espírito Santo nos leva à presença de Deus e coopera para que nos tornemos o que Deus deseja que sejamos. A igreja, animada pelo Espírito, se torna um catalizador para o louvor no mundo, lembrando a seus habitantes a suprema razão para viver – glorificar a Deus. Enquanto Deus leva Sua obra redentora ao clímax histórico, é nosso privilégio dar glórias a Ele e convidar o povo a se juntar ao remanescente redimido e fiel em verdadeira adoração (Ap 14:6-12).

Visto dessa forma, o culto não é uma tentativa de impressionarmos a Deus ou provar quanto O amamos, mas é nossa resposta à obra de salvação efetuada pelo Pai, através de Cristo, e do Seu poder transformador através do Espírito Santo, em antecipação da renovação de todo o cosmos.

Como comunidade, a igreja se manifesta como povo de Deus através do poder capacitador do Espírito Santo. Ellen G. White fala disso: “Não é por procurar um monte santo ou um templo sagrado, que os homens são postos em comunhão com o Céu. Religião não é se limitar a formas e cerimônias exteriores. A religião que vem de Deus é a única que leva a Ele. Para O servirmos devidamente, é necessário nascermos do divino Espírito. Isso purificará o coração e renovará a mente, dando-nos nova capacidade para conhecer e amar a Deus.”⁵

O louvor dirigido pelo Espírito honra a Deus porque encontra sua fonte no próprio Deus – é obra de Deus não de seres humanos. O verdadeiro culto depende de uma nova vida que surge, recriando-nos e reorientando-nos. Em outras palavras, o culto somente pode ser espiritual se o adorador for espiritual. A presença do Espírito Santo na comunidade adoradora torna o culto um evento escatológico. O culto provê os adoradores com um antegozo da glória futura, permitindo-lhes experimentar a vida do Reino aqui e agora. Por essa razão, o que caracteriza um culto genuíno é o senso de aproximação e conscientização de novas possibilidades.

Uma implicação para a prática do culto que brota da natureza escatológica da presença do Espírito Santo é o desafio para ter uma liturgia cheia do Espírito, relevante e criativa. Não pode haver ensino, pregação, saudável quebrantamento humano nem genuína comunhão, a menos que a comunidade adoradora seja batizada no criativo e vivificante poder do Divino Espírito.

Glorificação da Divindade

Fé trinitariana significa adoração trinitariana. Essa postura teológica é bíblica e merece reflexão ampla. Entretanto, expandir plenamente essa dinâmica trinitariana em nosso culto requer cuidadosa reflexão teológica e um desejo real e pleno de honrar a Deus. Consequentemente, pastores e líderes de culto devem reconhecer a importância de se engajar em profundo pensamento trinitariano e meditação, a fim de que planejem cuidadosamente uma liturgia que magnifique o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Os hinos que cantamos, as orações e ações de graças que oferecemos ao Senhor, os sermões que pregamos, o pão e o vinho de que participamos, tudo deve declarar glória à Divindade.

O culto trinitariano não é modismo teológico. Ao contrário disso, ele proclama o amor e o movimento redentor de Deus em direção a nós. O culto trinitariano nos ajuda a lembrar que não fomos deixados às nossas próprias opiniões e conveniências à medida que respondemos a Deus em amor e adoração. Deus está ativamente envolvido em nos levar a tributar-Lhe o melhor de nosso louvor e adoração. ■

Referências:

¹ Nisto cremos, p. 31.

² James B. Torrance, *Worship, Community and the Triune God of Grace* (Carlisle, U.K.: Paternoster Press, 2005).

³ James D. G. Dunn, *Did the First Christians Worship Jesus? The New Testament Evidence* (Londres: SPCK, 2010).

⁴ Geoffrey Wainwright, *Doxology: The Praise of God in Worship, Doctrine, and Life* (Nova York: Oxford University Press, 1990).

⁵ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 189.

Pastor adventista em Boise,
Idaho, Estados Unidos

Além da abstinência

Como imprimir na mente do jovem o ideal de Deus para a intimidade sexual

Foto: Szefei / Shutterstock

Era a primeira noite no acampamento de adolescentes, e eu devia dirigir o estudo bíblico vespertino. O líder do acampamento me havia orientado para deixar os acampantes escolherem o tema a ser estudado. Assim, reuni meu ansioso grupo de jovens e perguntei: “O que vocês gostariam de estudar?” Eles se entreolharam e, em menos de dez segundos, uma menina sugeriu: “Pen-

so que poderíamos falar sobre abstinência. Por que não fazemos sexo antes do casamento?” Os demais concordaram rapidamente. Estava claro que aquela menina tinha ouvido uma mensagem sobre sexo em sua igreja. Mas, teria sido a abordagem correta?

Desde os primeiros anos de meu pastorado, tenho desenvolvido um crescente senso de que a igreja cristã não trata bem o tema da sexualidade.

Há exceções, mas, de modo geral, temos perdido o alvo. Relembrando minha educação sexual, penso que meus pais fizeram melhor que a maioria, mas ainda assim não foi tudo de que eu precisava. Também me lembro de ter ouvido falar, em reuniões com adolescentes, como o sexo funciona. Acho que, entre os líderes, havia um consenso de que o assunto não devia ser ignorado, mas eles não sabiam o que falar sobre ele.

Aprecio a intenção do movimento de pureza sexual, mas as estatísticas mostram que ele não funcionou tão bem como gostariam as pessoas envolvidas. Segundo uma pesquisa, “adolescentes que prometem permanecer virgens até o casamento tendem a ter relações sexuais pré-conjugais, assim como os que não se comprometem com a abstinência”.¹ Enfatizar abstinência e levar adolescentes a prometer que não farão sexo até o casamento parece correto; mas não é suficiente. Um adolescente pragmático eventualmente aproveitará a mesma brecha que outros têm usado: fazer sexo e pedir perdão depois. Quando a mensagem é: “Sim, sexo antes do casamento é prazeroso, mas é nocivo”, não podemos esperar do adolescente mais do que podemos esperar de uma criança deixada sozinha junto a um prato com biscoitos e dizer a ela: “Não coma!”

Qual é o problema nisso? A mensagem é negativa. Associar palavras como “nocivo”, “mau” ou “ruim” a uma coisa tão excitante como o sexo faz a experiência invalidar a mensagem. Os adolescentes poderiam dizer as palavras certas, mas tudo no corpo deles fala bem alto: “É ótimo, não é mau!” E eles estão certos. O sexo é maravilhoso, é uma das mais espetaculares dádivas do Deus altíssimo. De acordo com Richard Davidson, “muitos eruditos têm sugerido que a melhor tradução” de uma descrição-chave do sexo no livro de Cantares 8:6 é: “uma chama do próprio Jeová”.² Se isso for verdade, cometemos um grave erro ao colocarmos uma nuvem sobre o assunto. Não pretendo ter todas as

respostas para esse tema complexo, mas meu trabalho com adolescentes e seus confusos pais tem me convencido de uma coisa: nossa mensagem sobre sexo precisa ser positiva.

“O sexo é o meio de imitação do aspecto criador de Deus em nós”

Teologicamente falando, essa abordagem positiva do sexo é correta. Com exceção da opinião de Paulo, de que é bom para o homem não tocar em mulher (1Co 7:1, 2), e de outras passagens que abordam distorções, a visão bíblica sobre o sexo é entusiasmada. O livro de Cantares, por exemplo, celebra a alegria e os prazeres do dom sexual.³ Isso contraria a história cristã nos últimos séculos. Embora tenha atacado a distorção da homossexualidade (Rm 1:24-27), com exceção de uns poucos pensadores cristãos, a igreja carece de uma visão positiva do que o sexo pode ser.

Grande parte da solução inclui a remodelação de nossa teologia sobre o sexo, como primeiro foco dessa peça. Sugiro que iniciemos a mudar as coisas, através do ensino de três conceitos e suas implicações. Esses conceitos emergem do relato da criação, segundo o livro de Gênesis. Primeiramente, o sexo foi designado para reprodução da imagem de Deus. Isso implica a exploração do nosso mais completo potencial para impactar o mundo. Em segundo lugar, o sexo foi designado para completar a imagem de Deus, o que implica o emprego de todo o nosso potencial para conviver com seres humanos. Finalmente, o sexo foi designado para criar laços emocionais, o que implica a exploração da plenitude do nosso potencial social. Deus planejou a alegria e o prazer sexual para fortalecer esses aspectos de nossa humanidade.

Reproduzindo a imagem de Deus

Deus apresentou a dádiva do sexo com as seguintes palavras: “Sede fecundos, multiplicai-vos” (Gn 1:28). Em outras palavras, primeiramente o sexo está ligado à ideia de criar novos seres humanos. Aqui, vemos quanto é verdadeiro que Deus fez a humanidade à Sua imagem (Gn 1:26, 27), mas isso não significa apenas semelhança física. Antes, desde que Deus criou seres humanos à Sua imagem, através do sexo, também criamos outros à nossa imagem. As Escrituras tornam isso explícito, afirmando que Adão “gerou um filho à sua semelhança” (Gn 5:3), usando a mesma linguagem da criação original (Gn 1:26). Isso é maravilhoso! O sexo é o meio de imitação do aspecto criador de Deus em nós e revela através de nós a característica que mais define nossa ligação com Ele: criação.

A habilidade reprodutiva foi dada explicitamente para impactar o mundo. “E Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a Terra e sujeitai-a’” (Gn 1:28). Através do sexo, eles estenderiam sua influência. Se ensinarmos a nossos jovens que Deus deu o sexo como um dom para reprodução da Sua imagem e ampliar nossa influência no mundo, se captarmos a visão de como uma família cuidadosamente planejada pode transformar vidas para Deus, eles pensarão duas vezes antes de se entregar a uns poucos momentos de prazer. Isso não significa que o prazer sexual seja algo errado, ao contrário, esse prazer intensifica nossa compreensão do amor de Deus, o que nos leva ao segundo conceito da criação.

Completando a imagem de Deus

“Criou Deus, pois, o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn 1:27). Para que seres humanos reflitam a imagem de Deus, é preciso que haja macho e fêmea (Gn 5:1, 2). Somente quando os dois se tornam “uma só carne” (Gn 2:24), no extático momento de prazer em que os seres humanos

completam plenamente a imagem de Deus, é que podemos compreendê-Lo em nossa mais plena capacidade humana. A expressão “uma só carne” não está limitada à união sexual, mas pode ser argumentado que, desde que não se diz “um só coração” (ou algo semelhante), o sexo se torna o melhor símbolo de união para completar. O apóstolo Paulo compreendeu essa expressão em termos de sexo (1Co 6:16). O prazer e a alegria do sexo, junto à intensa intimidade possibilitada com outra pessoa, criam uma compreensão experimental do amor de Deus, não disponibilizada por nenhum outro meio.

Isso tem implicação transformadora para o romance, ou seja, o primeiro critério para o romance deve ser encontrar uma pessoa que completará a imagem de Deus em nós e vice-versa. Também implica que as perversões sexuais não são apenas infrações, mas violentam a imagem de Deus em nós. Em vista disso, a percepção do peso das escolhas sexuais poderá gerar em nossos jovens o desejo de reservar o sexo para o casamento. Se pudermos inspirá-los com o potencial para complementação pessoal e experimentação do amor de Deus com outra pessoa, através do sexo verdadeiramente seguro, eles realmente poderão querer esperar até o casamento. Isso nos leva ao terceiro conceito.

Laço emocional

O termo que originalmente descreve de modo explícito o ato sexual nas Escrituras aprofunda ainda mais o significado do sexo. A ideia de completar a imagem de Deus através do ato sexual permanece dominando o texto, mas o verbo “conhecer” (traduzido como coabitar) descreve o próprio ato. Diz o texto: “[Conheceu] coabitou o homem com Eva sua mulher. Esta concebeu e deu à luz a Caim; então, disse: Adquiri um varão com o auxílio do Senhor” (Gn 4:1).

Há muitas maneiras pelas quais o escritor bíblico poderia ter descrito o ato sexual, mas ele escolheu esse termo de relacionamento. É um ato que

deve levar, juntos, esposo e esposa a se conhecerem um ao outro, mais plenamente do que pode acontecer com qualquer outra pessoa e, assim, completarem mutuamente a imagem de Deus.

Se devidamente compreendido, esse conceito nos levará a considerar que há uma lei da criação que não pode ser quebrada. Fomos feitos para nos ligarmos tão profundamente a outra pessoa, que essa união somente pode ser descrita como “uma só carne”. O sexo é um agente de união. Um relacionamento sexual abre todos os aspectos de nossa vida a outra pessoa. Se nossos jovens compreenderem que eles formarão um laço duradouro com toda pessoa com quem dormirem, e que essa habilidade para se unir será enfraquecida com cada novo parceiro, eles verão porque o sexo com uma pessoa, no casamento, somente valoriza o tempo de espera.

Implicações dos conceitos

O que tudo isso significa? O momento de “uma só carne”, o momento do conhecimento íntimo, foi designado por Deus para ser o momento mais divino de uma pessoa. Ao momento de êxtase sexual, do mais intenso prazer físico que alguém pode experimentar, Deus uniu a forma de criar outros seres à Sua imagem, completar essa imagem em nós e construir o mais forte laço emocional conhecido pela humanidade. Isso merece reflexão.

Miroslav Kis observa que “não é possível separar sexualidade do restante do que é inerente à nossa humanidade”.⁴ É impossível negar isso. Se inspirarmos nossos jovens com o que o sexo pode ser, talvez eles o vejam como algo de supremo valor, algo digno de ser preservado. Devemos lhes ensinar que seu potencial impacto no mundo será enorme, caso eles escolham bem a pessoa com quem se tornarão “uma só carne”. Devemos ensinar a eles que seu elo potencial com outra pessoa está além da imaginação, se escolherem dormir com uma única pessoa que lhes seja dada por Deus. Ensinar aos jovens uma teologia do sexo, que os inspire com

a profundidade e o valor pretendidos por Deus, pode fazer diferença. Então, eles poderão começar a ver que o sexo não pode ser como um biscoito a ser roubado e depois se pedir perdão. O sexo é uma espetacular dádiva de Deus, que merece ser protegida.

Como e quando falar

Uma pergunta natural que cada pastor e pai deve fazer é a seguinte: Como posso começar a discussão com meu jovem? Minha própria experiência me deu uma resposta; mas, resolvi submetê-la a um grupo de jovens do Ensino Médio e a alguns líderes de jovens. A resposta deles foi enfática: O jovem não necessita de muita motivação para falar de sexo. O exemplo que partilhei no início deste artigo atinge esse ponto. Somos nós que hesitamos em iniciar o diálogo. Eles necessitam aprender algo conosco e estão prontos para falar e ouvir. Apenas necessitam saber que é seguro falar o que pensam sem temor de julgamento. Lembre-se: enfatize o lado positivo. Seu trabalho é inspirá-los com uma visão prazerosa do plano de Deus.

A abordagem negativa sobre abstinência e pureza sexual nem sempre funciona; a visão teológica é melhor. Sugiro que o primeiro passo em direção à pureza sexual bem-sucedida inclua o ensino sobre uma positiva teologia do sexo. Essa teologia inclui três aspectos fundamentais: (1) reprodução da imagem de Deus, (2) completar a imagem de Deus e (3) criar um laço que ajude os seres humanos a compreender o amor de Deus.

Finalmente, os pastores necessitam ter em mente que os jovens estão prontos e esperando a oportunidade para falar e querem estar certos de que é seguro fazer isso. ■

Referências:

¹ Bob Stein, *Washington Post*, 29/12/2008, Caderno A, p. 2.

² Richard M. Davidson, “Theology of Sexuality in the Song of Songs: Return to Eden”, *Andrews University Seminary Studies* 27, nº 1, 1989, p. 18.

³ Richard M. Davidson, *The Flame of Yahweh: Sexuality in the Old Testament* (Peabody, MA: Hendrickson), p. 545-632.

⁴ Miroslav Kis, *Ministry*, março de 2004, p. 10.



A cruz em uma bacia

A cerimônia do lava-pés nos lembra da humanidade de Jesus, que rejeita todas as formas de força ou retaliação

A cerimônia da humildade não é praticada por todas as religiões cristãs em nossos dias. Uma razão para isso pode ser o fato de que somente o evangelista João escreveu sobre o ritual do lava-pés em um contexto litúrgico. As outras duas vezes no Novo Testamento em que tal cerimônia é mencionada (Lc 7:44; 1Tm 5:10) se referem à hospitalidade normal. Outra possível razão é que, por causa da vasta diferença cultural entre o tempo de Jesus e o nosso, muitos acham difícil realizá-la.

Evidentemente, isso é lamentável. Estamos perdendo algo muito especial, com a indiferença generalizada para com a cerimônia da humildade, que é um símbolo poderoso de tudo o que Jesus, depois de ceiar com os discípulos, iria sofrer na cruz.

Esboço do capítulo

João inicia o relato com as seguintes palavras: “Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a Sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os Seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. Durante a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traisse a Jesus,

sabendo este que o Pai tudo confiara às Suas mãos, e que Ele viera de Deus, e voltava para Deus” (Jo 13:1-3).

Após essa introdução, a história se desdobra em três partes: A primeira descreve o que Jesus fez (v. 4-11), incluindo o diálogo entre Jesus e Pedro, no qual João descreve o discípulo como não tendo captado o propósito da ação de Jesus. Por três vezes, Pedro reagiu à iniciativa de Jesus em lhe lavar os pés, e por três vezes, Jesus declarou imprópria a reação do discípulo.

A segunda parte começa com uma referência ao que acabara de acontecer: “Depois de lhes ter lavado os pés” (v. 12). Então, após uma detalhada introdução, o texto apresenta um profundo sermão de Jesus (v. 12-20). Parece ser um convite para que os leitores prestem atenção às explicações que irão revelar o significado do capítulo.

Finalmente, a terceira parte inicia fazendo referência ao que Jesus falou: “Ditas estas coisas” (v. 21). Então, o texto retorna para a descrição das ações de Jesus, as quais incluem “um pedaço de pão molhado” que Ele deu a Judas (v. 21-29).

O que Jesus fez

Na primeira e na terceira seção da

narrativa, nos deparamos com a cerimônia do lava-pés que, em si mesma, é cheia de significado.

Naqueles tempos, o lava-pés era um item comum dentro da hospitalidade praticada naquela cultura. Esse gesto era realizado envolvendo convidados queridos, a fim de indicar que eles eram bem-vindos (Lc 7:44). O lava-pés era um serviço frequentemente realizado por alguém de condição social inferior, tais como escravos ou filhas mais jovens da família anfitriã. Porém, não muito raramente, a própria dona da casa (1Tm 5:10) e até o chefe da família faziam esse trabalho, com o intuito de expressar especial honra ao convidado. Crianças faziam isso para os pais, e estudantes, para os professores. Nesses casos, a cerimônia demonstrava o serviço de amor (Lc 7:44-47).

O Mestre Se curvou para servir Seus discípulos, humilhou-Se, porque os amava. Assim, praticou um ato que era precursor e símbolo da humilhação que Ele enfrentaria em seguida: a cruz! Um fato ainda mais emocionante foi que Ele Se voltou com coração amorável para aquele discípulo enredado por Satanás, Judas Iscariotes.

O significado de tudo

Pelo fato de que, neste capítulo, João introduz o leitor à paixão de Cristo, devemos ver a cerimônia do lava-pés sob esse ângulo. O que Jesus fez aos Seus discípulos era símbolo de Sua morte, então, prestes a ocorrer. O evangelista afirma o conhecimento que Jesus tinha de “que era chegada a Sua hora” (Jo 13:1). Essa era uma referência ao sofrimento de Jesus (Jo 2:4; 7:30; 8:20; 12:27; 17:1). E era o tempo da Páscoa, também outro indicador da morte de Jesus (Jo 12:1). Impulsionado por Seu grande amor (Jo 15:13), Cristo Se humilhou. Despojando-Se de Suas vestes, entregaria Sua honra e a própria vida.

Pedro ficou confuso. Ele não sabia que a atitude do Senhor significava algo bem maior do que ele pudesse imaginar. Jesus lhe disse: “O que Eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois” (Jo 13:7). Aqui, “depois” não se refere ao sermão em seguida, porque Jesus novamente testemunhou que os discípulos compreenderiam somente mais tarde (Jo 13:19). Esses versos se referem aos eventos da crucificação e ressurreição de Jesus, acontecimentos que abririam os olhos dos discípulos e revelariam o profundo significado do lava-pés.

A objeção de Pedro tipifica a indagação que muitos cristãos têm feito através dos séculos. Como Jesus pode ser nosso Senhor e Deus, se Ele também é humano? Como Ele pode ser Deus, se morreu na cruz? Isso ainda descreve o grande mistério, não somente da encarnação, mas da cruz. Deus Se tornou homem a fim de nos salvar. Não havia outra maneira. Jesus tinha que morrer para nos conceder vida eterna.

Assim, Jesus disse a Pedro que, a menos que ele participasse da cerimônia (Jo 13: 8), não receberia os benefícios do que Jesus faria por ele. Nesse verso, a palavra “parte” significa “porção”, e pode ser ligada a “herança” ou “saque”. A expressão “não tens parte comigo” não fala de comunhão espiritual com Jesus, mas se refere a algo que Ele ganharia e,

finalmente, compartilharia com Seus seguidores. Evidentemente, trata-se da vida eterna.

Nos dias em que João viveu, as pessoas preferiam um Salvador que fosse mais um herói, alguém que exibisse poder e esplendor. Porém, o evangelho apresenta um Salvador humilde, alguém que submeteu a Si mesmo às mãos de homens ímpios, e que sofreu morte vergonhosa. O ritual do lava-pés nos lembra da humildade de Jesus, que rejeitou todas as formas de força e retaliação.

No sermão feito após aquele ritual, Jesus lidou com essa incompreensão: “Vós Me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque Eu o sou” (Jo 13:13). Em outras palavras: “apesar do serviço humilde, apesar da morte vergonhosa, apesar da renúncia a tudo que significa o poder terrestre, Eu ainda sou o Senhor do Universo”.

Esse paradoxo na Terra é verdadeiro no Reino de Deus: Aquele que serve voluntariamente a todos é, de fato, o maior (Mc 9:35; Lc 22:26; Fp 2:6-8). Jesus preparou os discípulos para Seu sofrimento e morte, a fim de que não caíssem no desespero, mas vissem Sua glória e divindade na humildade que revelou.

“Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que Eu sou” (Jo 13:19). João repete essas palavras, a fim de encorajar os crentes na compreensão do serviço, sofrimento, e mesmo da morte como partes integrantes do verdadeiro discipulado.

Ênfase fora de lugar

A incompreensão dos discípulos vai mais profundo ainda. Isso ficou visível quando Pedro pediu que Jesus lhe lavasse “não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça” (v. 9). Ele deve ter pensado que, fazendo assim, poderia ser transformado e tornado qualificado para o Reino de Deus. Quanto mais fosse lavado, mais qualificado se tornaria.

Porém, Jesus rejeitou a interpretação de Pedro e disse-lhe: “Quem já se banhó não necessita lavar senão os

pés; quanto ao mais, está tudo limpo” (v. 10). Ele ainda declarou que o traídor não estava limpo, apesar do fato de que seus pés também seriam lavados (v. 11). Obviamente, o que Jesus fez aos discípulos foi significativo em um sentido diferente de como isso foi entendido por eles naquele aposento.

O capítulo também revela outro ponto fundamental, procedente da incompreensão deles sobre o evento. Numa demonstração de egoísmo, Pedro se imaginou sendo o primeiro. Depois de aprender que o lava-pés tinha que ver com sua salvação, ele se mostrou interessado somente nele mesmo. Foi como que perguntasse a si mesmo: “Como faço para ganhar o máximo que for possível do fato de ter os pés lavados?”

Seu pedido para ser completamente lavado ergue-se em estrito contraste com o foco do capítulo. João relatou o evento tendo Jesus no centro. A atitude de Cristo está em evidência. É ao Seu amor e Seu serviço que este capítulo diz respeito. A ênfase está sobre Aquele que lava os pés, não sobre aquele que tem os pés lavados.

Isso descreve a importância do relato do lava-pés e revela o significado da submissão de Jesus na cruz em nosso favor. Encontramos Cristo no centro. Ele une o mais baixo serviço de um escravo como sendo o do Senhor dos senhores. Através desse ritual, Jesus deixou um sermão, não em palavras, mas em ação. O tema desse sermão foi Sua morte em nosso favor, a morte que revelou Seu infinito e verdadeiro amor, Seu caráter divino. O apelo desse sermão nos convida a crer nEle em serviço e submissão (Fp 2:5).

O relato de João sobre o lava-pés indica que esse ritual tem o mesmo significado da Santa Ceia. Seguir a Ordem de Cristo e lavar os pés uns aos outros significa que estamos proclamando a morte de Cristo (2Co 11:26). Em suma, a “cerimônia da humildade”, ou lava-pés, demonstra a maneira de servir a outros cristãos e, também, é a maneira de experimentar intensamente por nós mesmos o que Jesus realizou na cruz. ■



Psicólogo e bacharel em Teologia, reside em Vitória, ES

Liderando com sabedoria



O pastor deve estar consciente de que é intocável seu direito de preservar seu crescimento pessoal bem como de sua família

O trabalho em equipe requer cooperação, ajuda mútua, pessoas comprometidas, o que não dispensa a necessidade de um bom líder. Em qualquer lugar e situação em que equipes se superem e vão além da excelência, há um bom líder. O líder é um facilitador; alguém que faz com que percebamos nosso valor e empreguemos nossos talentos.

Quando pensamos em liderança, encontramos no mundo natural preciosas lições a respeito do assunto. Numa colmeia, por exemplo, quando a abelha rainha sente a aproximação da velhice, começa a preparar uma nova rainha, caracterizando assim o processo de substituição, continuidade, preservação da espécie. As abelhas têm uma extraordinária função de defesa. Estando idosa e tendo

cumprido sua missão, a abelha não sai para procurar néctar nem pólen, limitando-se a proteger a colmeia, sacrificando a própria vida em defesa da "organização".

Há também o exemplo dos búfalos americanos, tão fortes, que fazem tremer o solo quando a manada sai em disparada. Os búfalos têm um líder que é seguido incondicional e cegamente. Sempre que a manada precisa

atravessar um rio, os búfalos esperam o líder, acompanhando-o somente depois que ele escolhe o lugar por onde devem passar. É o líder dos búfalos que escolhe a melhor pastagem.

Considerando a influência do líder-búfalo sobre os demais búfalos, os caçadores concluíram que o segredo para dominá-los seria eliminar o líder. Sem líder, era fácil torná-los presa, porque a manada não sabia o que fazer. Só não foram totalmente dizimados, por causa de uma campanha empreendida em favor da preservação deles.

Conhecer para mudar

Se a abelha nos ensina a necessidade de preparar substitutos que deem continuidade ao trabalho, a experiência dos búfalos nos diz que há perigos rondando o exercício da liderança. Caso não esteja atento a esses perigos, o líder pode experimentar muitas frustrações. Considerando que existem vários fatores que podem nos levar a essa experiência, porque todos somos essencialmente diferentes no temperamento, na personalidade, história individual e herança genética, o passo fundamental para evitá-la é a busca do autoconhecimento. Como escreveu Ellen G. White, “conhecer-nos a nós mesmos é grande ciência” (*Mente, Caráter e Personalidade*, v. 1, p. 4). O desenvolvimento do nosso observador interno facilitará o autoatendimento, bem como nos habilitará a entender e atender adequadamente as diferenças de cada membro da família e das congregações.

Há necessidade de nos conhecermos numa dimensão integral do ser, ou seja, física, mental, emocional e filosófica, bem como de nossos potenciais e limites. Nosso equilíbrio reside em nossa habilidade de administrar nossos desequilíbrios. Para isso, há necessidade de conhecermos nossas singularidades individuais e, a partir daí, estrategicamente, privilegiar-nos, aprimorando a melhor forma de nos tratarmos como seres únicos. Ninguém é referência para ninguém. Cada um deve analisar a legitimidade

das suas necessidades únicas. A maquiagem em certos comportamentos é fuga que impede a cura. A verdadeira ciência que trata da saúde mental, emocional e física, está aliada aos recursos da ciência espiritual para erguer o ser humano. Isso tudo compõe a obra redentora de Cristo.

Não foi por ter alcançado maior grau de santidade nem por ser imune a falhas que alguém recebeu o título de pastor. Porém, dado ao peso da função, muitos evitam o tratamento clínico cristão, quando esse é necessário, levando à bancarrota muitos pastorados promissores. Jamais a gravidade de um mal instalado na vida de um indivíduo, à base de disfunções hormonais ou nervosas, o desqualifica como filho de Deus. O ser humano tem o selo do Altíssimo, como pedra preciosa a ser trabalhada. O Senhor Jesus entende épocas, circunstâncias, culturas, costumes e situações. Ele não se surpreende com nada. Sabe que o pecado nos assusta com sua hediondez, mas nada surpreende Sua graça maravilhosa e superabundante.

Em minha experiência, houve um tempo em que ignorei a importância do autoconhecimento. Formei-me em Teologia, em 1975, e exerci o pastorado durante quase dez anos, liderando igrejas e coordenando departamentos de uma Associação. Como estudante, acentuava-se em meu comportamento a disposição de sair, pregar, evangelizar, doar-me como mártir se preciso fosse, realizar sonhos de grandes conquistas para o Mestre. Fui um bacharelado privilegiado em termos de chamado, optei por um campo missionário e ousei solicitar o distrito pastoral mais difícil que houvesse. Vivi aventuras inéditas, experiências que me trazem saudosas recordações. Tudo isso foi possível e maravilhoso enquanto durou. Contudo, na minha ingênuza, mas sincera simplicidade, estabeleci um ritmo exagerado de trabalho que acabou dissipando meus sonhos pastorais. Aprendi, então, que nenhum grau elevado de sucesso compensa o ato de preterir a família.

Hoje, sei que o responsável para ver suas necessidades e dar conta de suas viabilidades é o próprio indivíduo; não o outro nem a Instituição. Cada pastor deve ter consciência de que a preservação do seu espaço físico e existencial é sagrada. É intocável seu direito de preservar o crescimento pessoal bem como o da família. Ele é o único responsável pelo conhecimento das carências de seu ambiente familiar. Portanto, deve ser dele a iniciativa de satisfazê-las.

Além da frieza numérica

O pastor deve estar atento ao clamor inovador do mundo globalizado no qual “produção” é a palavra-chave. Nesse contexto, pastores correm o risco de ser obreiros tarefeiros, satisfazendo-se apenas com relatórios de alvos cumpridos. Em outras palavras, permitindo imperar a quantidade sobre a qualidade dos que são levados para a igreja. Com essa mentalidade, não há vínculo nem solidez que sustente a conquista de pessoas, nem precisa existir, pois os batismos seguintes justificam a evasão dos que não criaram raízes. Mas, nosso irmão precisa sentir nosso calor, ter nosso tempo, nossa amizade, nossa empatia e nosso amor. As congregações precisam crescer espiritualmente. Nossa família precisa se sentir priorizada. Todas as nossas realizações devem ter como intérprete a afetividade. As metas fazem parte do trabalho e são necessárias. Porém, se não forem espiritualizadas, serão tão frias como letras mortas de uma lei escrita em pedra.

Se não entendermos que a salvação se resume numa relação de amor, nos perderemos ao longo ou no fim do caminho. Se tivermos pastores líderes que não se deixem abater, homens consagrados, de oração, que tenham visão, tenacidade, e sejam vigilantes, conhecedores de si mesmos e do tempo em que vivemos, em nome do Senhor e do Espírito Santo que ora preside, ilumina e inspira a igreja, faremos parte do remanescente vencedor. ▀



Lembrança dupla

Todos quantos desejam entrar no repouso sabático semanal precisam, antes, desfrutar pela fé o descanso espiritual da salvação através de Cristo Jesus

O primeiro capítulo do livro de Gênesis nos transmite a realidade do maravilhoso poder de um Deus que criou todas as coisas em uma semana literal de seis dias. A expressão “viu Deus que isso era bom” traduz a perfeição envolvida em cada obra criada. E, na culminância da criação, “viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” (Gn 1:31).

O ato seguinte é assim descrito pelo autor de Gênesis: “Havendo Deus terminado no dia sétimo a Sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a Sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador

fizera” (Gn 2:2, 3). Descansou porque era Seu propósito que o ser humano descansasse especialmente nesse dia (Êx 20:11). Assim, deu-lhes o exemplo. A bênção sobre o sábado significa que ele foi reservado como objeto especial do favor divino, ou seja, um período de tempo que deve ser uma bênção para o ser humano. Finalmente, Deus santificou o sábado, isto é, o separou como dia sagrado e santo. Separou-o com o objetivo de enriquecer o relacionamento entre Deus e o homem.

Criação

Para os filhos de Deus, o sábado é um memorial da criação e, como tal, representa um manifesto contra a idolatria e a descrença na existência



de Deus, pretendida e propagada pelo usurpador, “deus deste século”. Na lembrança de que Deus criou a Terra, evidencia-se a diferença entre Ele e os falsos deuses.

Como diz A. H. Strong, citado em *Nisto Cremos*, p. 339, o sábado está “inseparavelmente vinculado ao ato da criação, sendo que a instituição do sábado e o mandamento quanto a observá-lo representam uma consequência direta do ato de criação. Adicionalmente, toda a família humana deve sua existência ao divino ato criativo; e, de acordo com isso a obrigação de aceitar o mandamento do sábado como memorial do poder criador de Deus repousa sobre toda a raça humana”. O mesmo autor fala do sábado como sendo “obrigação perpétua como memorial indicado por Deus, de Sua atividade criadora” (Ibid.).

Ellen G. White, por sua vez, escreveu: “No Éden, Deus estabeleceu o memorial de Sua obra da criação, depondo Sua bênção sobre o sétimo dia. O sábado foi confiado a Adão, pai e representante de toda a família humana. Sua observância deveria ser um ato de grato reconhecimento, por parte de todos os que morassem sobre a Terra, de que Deus é seu Criador e legítimo Soberano; de que eles são a obra de Suas mãos, e súditos de Sua autoridade. Assim, a instituição é inteiramente comemorativa, e foi dada a toda a humanidade. Nada há nela prefigurativo, nem de aplicação restrita a qualquer povo” (*Patriarcas e Profetas*, p. 48).

Redenção

Com a libertação israelita do cativeiro egípcio, o sábado também se tornou memorial de liberdade: “porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o Senhor, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido; pelo que o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o sábado” (Dt 5:15).

Comentando sobre a permanência de Cristo no sepulcro, após ter entregado a vida em sacrifício pela redenção do ser humano, escreveu

Ellen G. White: “Jesus descansou, afinal. Findara o longo dia de vergonha e tortura. Quando os derradeiros raios do sol poente introduziram o dia do sábado, o Filho de Deus estava em repouso, no sepulcro de José. Concluída Sua obra, as mãos cruzadas em paz, descansou durante as sagradas horas do sábado.

“No princípio, o Pai e o Filho repousaram no sábado após Sua obra de criação. Quando ‘os céus, e a Terra e todo o seu exército foram acabados’, o Criador e todos os seres celestiais se regozijaram na contemplação da gloriosa cena. ‘As estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam.’ Jesus descansou da obra de redenção; e se bem que houvesse dor entre os que O amavam na Terra, reinou contudo alegria no Céu. Gloriosa era aos olhos dos seres celestiais a perspectiva do futuro. Uma criação restaurada, a raça redimida que, havendo vencido o pecado, nunca mais poderia cair – eis o resultado visto por Deus e os anjos, da obra consumada por Cristo. A essa cena se acha para sempre ligado o dia em que Jesus descansou. Pois Sua ‘obra é perfeita’; e ‘tudo quanto Deus faz durará eternamente’” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 769).

Essa obra antecipa o júbilo da eternidade, como período de descanso das consequências do pecado, um sábado eterno, na companhia do Redentor: “Quando se der a restauração de todas as coisas, as quais Deus falou por boca dos Seus santos profetas, desde o princípio do mundo’, o sábado da criação, o dia em que Jesus esteve em repouso no sepulcro de José, será ainda um dia de descanso e regozijo. O Céu e a Terra se unirão em louvor, quando, ‘desde um sábado até ao outro’, as nações dos salvos se inclinarem em jubiloso culto a Deus e o Cordeiro” (Ibid., p. 769, 770).

Descanso em Cristo

Em Hebreus 4:9, 10, assim está escrito: “Resta um repouso para o povo de Deus. Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também

ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas.” O descanso aqui referido é um descanso espiritual, como afirma M. L. Andreasen, “um descanso de nossas obras, o término das obras de pecado” (*Nisto Cremos*, p. 343). Desse descanso o sábado é um símbolo e Deus nos convida a desfrutá-lo.

Ao completar Sua obra de criação, Deus ofereceu ao ser humano, no dia de sábado, a oportunidade de descansar com Ele. Porém, o homem se afastou do propósito original de Deus, de oferecer descanso para a humanidade. Apesar disso, esse propósito permanece inalterado; o sábado continua sendo um sinal de descanso, símbolo do repouso espiritual que encontramos em Jesus Cristo. Todos quantos desejam entrar no repouso sabático semanal precisam, antes, desfrutar pela fé o descanso espiritual da salvação através de Cristo Jesus.

“O Novo Testamento apela no sentido de que os cristãos não esperem para gozar desse descanso de graça e fé, pois ‘hoje’ é o tempo oportuno para nele ingressar (Hb 4:7; 3:13). Todos os que entrarem nesse descanso – a redentora graça recebida pela fé em Jesus Cristo – desistirão de qualquer esforço para alcançar a justificação por suas próprias obras. Dessa maneira, a observância do sábado do sétimo dia representa um símbolo da entrada do crente no descanso do evangelho” (Ibid.).

Na primeira hora de cada manhã, podemos renovar a experiência do descanso espiritual, proveniente da certeza da salvação que, pela graça de Deus, recebemos. Podemos e devemos viver sob a benfazeja e santificadora influência que ela nos proporciona ao longo do dia. Como fiéis mordomos do Senhor, temos o privilégio de renovar tal experiência cada sábado, cujas 24 horas nos foram dadas para viver na presença dEle. É isso que, por preceito e exemplo, devemos inspirar os membros de nossas igrejas a fazer, a fim de que todos cresçamos cada dia em nosso relacionamento com Jesus. ▀



A BÍBLIA QUE JESUS LIA

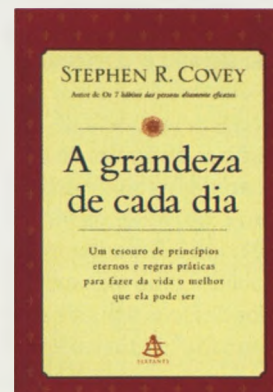
Philip Yancey, Editora Vida, São Paulo, SP, tel.: (11) 2618-7000, www.editoravida.com.br, 200 páginas.

O Antigo Testamento é a biografia de Deus, a história de Seus encontros intensos com as pessoas. É também um prelúdio à história de Jesus, que veio responder às perguntas que intrigavam os autores da antiguidade e ainda nos intrigam hoje. Pelo fato de exprimir nossas ansiedades mais profundas e traduzir em palavras de forma abrangente nossa vivência e nossas emoções, o Antigo Testamento é sem precedentes.

A GRANDEZA DE CADA DIA

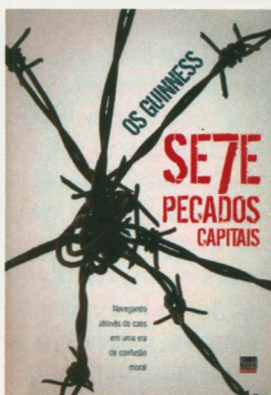
Stephen Covey, Editora Sextante, Rio de Janeiro, RJ, tel.: (12) 2286-9944, atendimento@sextante.com.br, 283 páginas.

Trata-se de uma coletânea de histórias de pessoas comuns que aplicaram diariamente o que Stephen Covey chama de *a grandeza de cada dia*: pequenos gestos de bondade, solidariedade, e generosidade, capazes de transformar vidas. Abordando temas como coragem, amor, superação, integridade, respeito e colaboração, *A Grandeza de Cada Dia* demonstra o poder transformador de nossas atitudes e escolhas.



SETE PECADOS CAPITAIS

Augusto Nicodemus (tradutor), Shedd Publicações, São Paulo, SP, tel.: 5566-1911, shedd@publicacoes.uol.com.br, 328 páginas.



Tendo como base a tradição ocidental dos sete pecados capitais e as virtudes contidas nas bem-aventuranças de Jesus, este livro oferece reflexões de alguns dos melhores pensadores dos últimos 2.500 anos sobre os maiores conflitos do coração humano: avareza, inveja, ira, libertinagem, orgulho e outros.

VEJA NA INTERNET

www.adventus21.com



Simple no seu funcionamento e bonito no visual. Essas duas qualidades, fundamentais em qualquer *site*, estão bem destacadas nesse projeto que pretende ser uma livraria digital adventista para oferecer livros, revistas técnicas e vídeos. No canto direito superior da tela pode-se escolher o menu em inglês, espanhol, francês ou português. Na coluna que fica à esquerda da tela estão as categorias que separam os vários livros e outros produtos oferecidos de acordo com as áreas de interesse. Também há uma ferramenta de busca pelo autor, palavra-chave e título. Com esse serviço, ficou mais fácil encontrar e adquirir livros de teologia, religião, educação, comunicação, saúde, e outras disciplinas, publicados pelas universidades adventistas da América do Sul, América Central e América do Norte. – Márcio Dias Guarda



Marcos F. Bomfim

Secretário ministerial associado da Divisão Sul Americana

Um pastor atrás das árvores

Fiquei em casa hoje, pela manhã, para escrever este artigo. Ao nascer do sol, tive um momento de oração e, em seguida, fiz a caminhada. A temperatura está agradável, quase fria, exigindo um par de meias. Tomei o desjejum, e estou ansioso para começar o trabalho. Porém, antes, preciso atender a um compromisso pessoal, firmado há bastante tempo: buscar a presença de Deus. Isso é prioritário. Não me entenda mal, imaginando que eu faça isso por me sentir mais santo que as demais pessoas. No meu caso, é justamente o oposto! É como se eu precisasse de uma dose diária de remédio.

Desejo enviar o texto (cujas remessa já está atrasada) o mais brevemente possível, mas, contrariando esse impulso, pego uma cadeira, a Bíblia, lição da Escola Sabatina, um livro contendo os últimos capítulos de *O Grande Conflito*, e procuro um lugarzinho ao sol.

Minha esposa telefona, perguntando como está o artigo. Respondo que nem comecei. “Mas, você não ficou em casa para escrevê-lo?”, ela questiona e com razão. Mas existem outras coisas que eu também precisaria fazer agora: concretizar a venda

do carro, planejar o *videochat* que acontece hoje, cuidar de detalhes referentes ao concílio ministerial da Divisão Sul-Americana, estudar sermões para a Semana Santa, planejar a próxima viagem de dez dias e... escrever o artigo.

Desligo o telefone, e a mente começa a rodopiar em torno dessas urgências, mas o Senhor me chama de volta, com voz suave, e me faz lembrar de que, se eu olhar, pela fé, bem acima de tudo isso, Ele tomará todas as minhas preocupações e ansiedades em Suas mãos (Mt 6:33) e cuidará de tudo muito bem.

Durante o estudo devocional, o texto de Gênesis 3:8 me chama a atenção: “Quando [Adão e Eva] ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim”. A

Nova Versão Internacional diz que o Senhor “andava pelo jardim na parte fresca do dia...”. E eu, ali no jardim, “na parte fresca do dia”, procurando um lugar à luz do sol para me aquecer, e também com a mente teimando em fugir do Senhor.

Em minha mente brotou a ideia de que, exatamente neste momento, o Senhor ainda hoje “desce” para me procurar, ou seja, na viração, na parte fresca do dia, quando o dia, com suas batalhas, ainda não esquentou ou quando voltou a esfriar, mas minha cabeça ainda está quente! É nesses momentos que Ele deseja me fortalecer para outras lutas que virão.

Por isso, Deus enfatiza tanto a importância da viração, da parte fresca do dia, tanto para a comunhão pessoal do ser humano com o Criador, como para a comunhão da família – o culto familiar. Jesus buscava

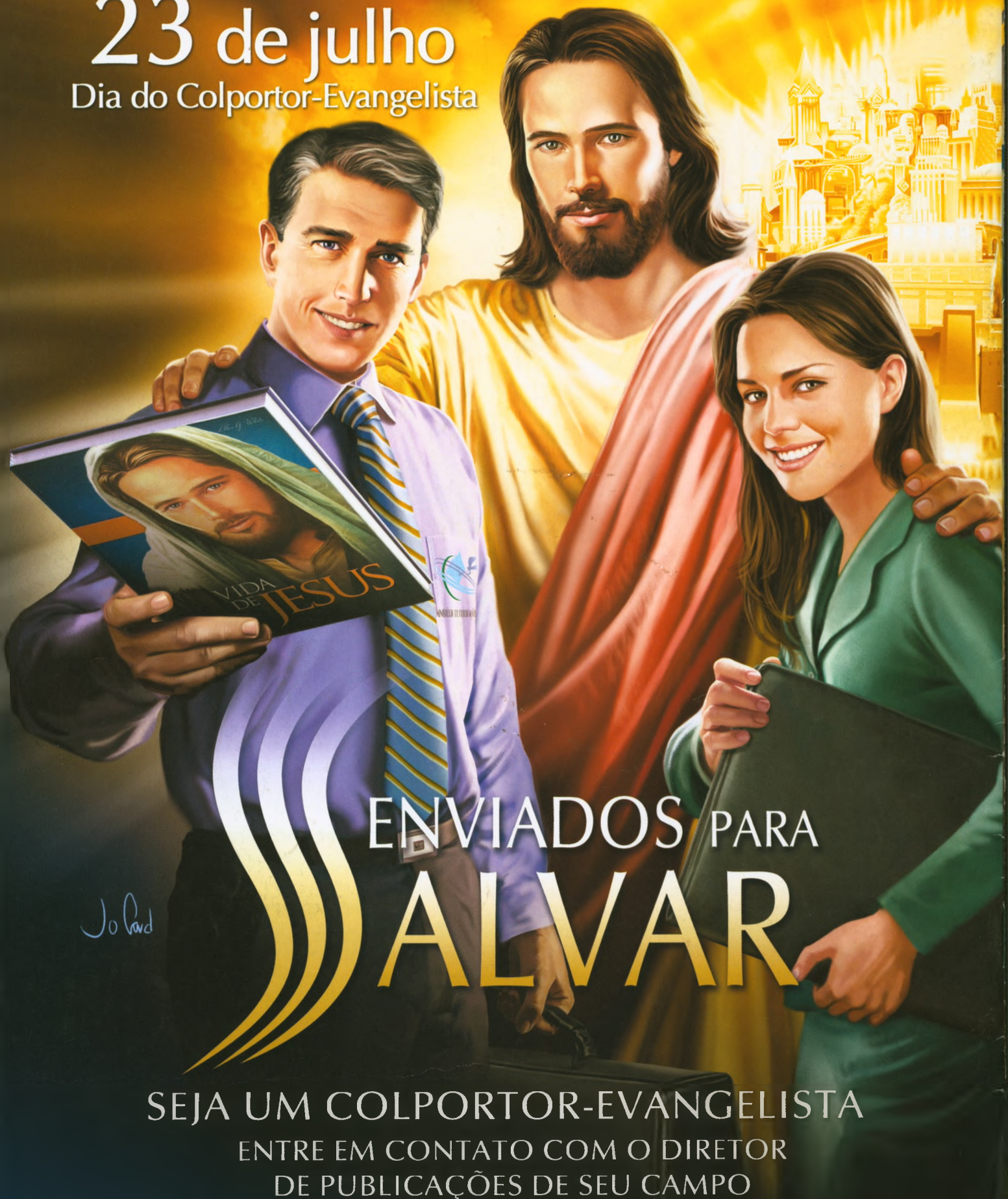
ao Pai nesse momento (Mc 1:35). Nossos Seminários de Enriquecimento Espiritual têm o propósito de desenvolver esse hábito. Abraão e tantos outros fiéis do passado aproveitaram esses momentos para levar a família

ao encontro com o Senhor. Faziam isso, porque é nesse momento que Ele “desce”.

Assim como Adão e Eva fugiram de Deus, também sou tentado a me esconder dEle atrás das árvores dos compromissos, das necessidades e emergências de cada dia. Mas, como pastor, sei que, antes de sair, necessito primeiramente ser apascentado, recriado! Sei que meu chamado não é prioritariamente para vender carro, nem mesmo organizar programas de trabalho, mas para que, em primeiro lugar, eu conheça meu Deus, ande com Ele, buscando e recebendo dEle algo que não me é natural: um coração puro e santo, que ame outros pecadores iguais a mim, e pelos quais devo trabalhar. O telefone toca. É minha esposa chamando para o almoço. O artigo está pronto! ▀

“Fomos chamados a andar com Deus, recebendo dEle um coração puro e santo”

23 de julho
Dia do Colportor-Evangelista



Jo Pord

ENVIADOS PARA
ALVAR

SEJA UM COLPORTOR-EVANGELISTA
ENTRE EM CONTATO COM O DIRETOR
DE PUBLICAÇÕES DE SEU CAMPO